



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

# ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, DEZEMBRO DE 2016 - ANO XXXV, NÚMERO 7

## ABORTO

O dilema ético, religioso e científico sobre a interrupção voluntária da gravidez

Páginas 8 e 9

### Internet

Especialista Rodrigo Salvo explica o que fazer para ficar protegido nas redes sociais Pág 6

### Intolerância

Casos de discriminação como o racismo vêm crescendo dentro do ambiente universitário Pág 11

### Rafael Vilela

Fotógrafo da Mídia Ninja discute o papel do jornalismo na conjuntura política atual Págs 12 e 13

A produção desta edição do *Zero* foi bastante complicada. Em meio a tragédia da Chapecoense e ocupações na UFSC, a equipe do jornal se desdobrou para fazer esse número. Foram semanas sem aulas, o que impactou nas matérias. Desde a suspensão das disciplinas em 16 de novembro até a volta das atividades em 1º de dezembro, as pautas do jornal ficaram em *stand by*. No retorno dos trabalhos, a equipe reuniu todos os esforços para a conclusão das reportagens dentro do curto prazo que restou. O resultado você confere nesta edição

Assim, o *Zero* está dividido nas seguintes editorias: tecnologia; saúde; política; e cultura. Em relação à tecnologia, você confere uma reportagem sobre fontes renováveis de energia, outra sobre o vírus *Ransomware* e um guia para se proteger na internet. Em saúde, está a nossa matéria de capa, sobre aborto. A relevância do assunto fala por si. Também falamos de dieta sem glúten e saúde mental.

No espaço dedicado à política, o *Zero* se volta para a UFSC e discute os casos de intolerância que vêm ocorrendo na uni-

versidade. Tem também uma entrevista com um repórter da Mídia Ninja sobre o papel do jornalismo independente na atual conjuntura. Na editoria de cultura, relatamos a experiência da Sociedade Histórica Destherrense, que simula a vida de outros tempos, e contamos como a moda do rock para mulheres cresce em Florianópolis. **Boa Leitura!**

**ERRAMOS:** Na reportagem de capa "Lixo marinho afeta saúde da população", ano XXXV, nº 6, o *Zero* errou ao afirmar que "os sintomas citados pelo surfista não caracterizam virose, e sim uma contaminação por toxinas de microalgas (cianobactérias)". Segundo a bióloga Bianca Vetoratto, citada na afirmação acima, seriam necessários exames laboratoriais para confirmar a situação. Da mesma forma, não é possível confirmar que a contaminação foi por cianobactérias, apenas por microalgas. O tipo exato precisaria ser confirmado por testes laboratoriais.

OMBUDSMAN



*Luiza Bodenmüller é formada pela Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina e especialista em Política e Relações Internacionais pela FESPSP. Foi editora online na Agência Pública de Reportagem e Jornalismo Investigativo, editora de blogs no HuffPost Brasil, consultora de comunicação na Rede Justiça Criminal e relações externas no Centro de Referência para Refugiados.*

O Zero de outubro é um exemplo de bom jornalismo. Os eventuais erros de revisão e deslizamentos menores no desenvolvimento das reportagens não foram capazes de eclipsar a qualidade das pautas e dos textos apresentados pelos quase-focos. No entanto, penso

que há algumas observações que julgo ser pertinentes para contribuir com a avaliação sobre esta edição.

A matéria central, sobre a questão do lixo marinho, foi bem trabalhada ainda que poderia ter explorado mais a negligência do poder público por meio do discurso de defesa dos atores envolvidos. Será que aumentar o horário de coleta de lixo nas praias durante a temporada de verão é suficiente, por exemplo? A reportagem mostra que não. Mas qual é o argumento das autoridades para não implementar outras medidas para mitigar o problema?

O mesmo descompasso de vozes pode ser percebido na matéria sobre as demolições de edificações em APPs. O tema, como o próprio texto revela, é polêmico, e por isso a importância de dar o mesmo peso a ambos os lados do imbróglio. Ao abordar a disputa judicial em torno dos *beach clubs*, optou-se por publicar apenas uma frase do representante da AJIN, enquanto que aqueles que se posicionam contrários às demolições ocuparam praticamente uma coluna inteira. Dessa forma, o texto passa a impressão de que os repórteres escolheram um lado – e talvez o mais questionável – do debate o que, quando o assunto é polêmico, não é a melhor solução.

E se a proposta desta coluna é discutir as vozes ouvidas para a edição de outubro do *Zero*, a reportagem sobre os músicos – *youtubers* mostra como a pluralidade pode ser rica. O que não se viu, por exemplo, quando foram abordadas as histórias dos autistas. Faltou a voz de um especialista que pudesse contribuir para o debate, uma vez que compreender a condição, suas origens e abordagens torna mais fácil a tarefa de quebrar estereótipos e promover a inclusão dos autistas.

Por fim, a pauta com o desafio de ficar 15 dias sem produtos que utilizem trabalho escravo em sua cadeia produtiva tem sua relevância no atual contexto, em que boa parte do que consumimos está atrelado a alguma empresa que se utiliza de tal mão de obra. Dito isso, fizeram falta as contribuições da Repórter Brasil, ONG referência no país sobre o tema, que tem diversas publicações sobre trabalho escravo, em especial no setor têxtil e alimentar. Ainda assim, no todo, o *Zero* de outubro mostrou uma boa qualidade de textos e um encadeamento coeso de pautas, condizentes com o status de referência adquirido pelo jornal ao longo dos anos.

CRÔNICA

**Estrela Chapecoense** POR EDUARDO GARCIA ALVES

Futebol: esporte no qual vinte e dois jogadores, divididos em duas equipes, esforçam-se para fazer entrar uma bola na baliza adversária. Mas futebol é só isso? Certamente não, futebol não é só uma modalidade. Futebol é mais, é tudo. Há quem diga até que o futebol é uma religião. Quem nunca rezou de joelhos para seu time ganhar um título ou para não cair de divisão que atire a primeira pedra. E quantas vezes isso funcionou? Não há dúvidas que alguém lá em cima gosta do esporte.

Mesmo parecendo já ter conquistado o mundo, os deuses do futebol mostram querer ainda mais. De Leicester a Chapecó, cidades que antes não tinham expressão na modalidade ganharam seu devido espaço no mundo da bola na última temporada e mostram cada vez mais que o esporte pode surpreender até os mais céticos.

A bola da vez era a Chapecoense, clube do oeste de Santa Catarina com menos de 50 anos de história. Mas que história! Para quem não acompanha muito, o clube mais parecia escrever um roteiro de filme. Um desconhecido vindo de terras dis-

tantes pronto para desbravar lugares nunca antes imaginados e enfrentando com muita honra gigantes cada vez maiores, se tornando mais forte a cada dia.

Tal força levou a Chape até a final da Copa Sul-Americana, derrotando Independiente e San Lorenzo, clubes argentinos que já foram donos da América. Na final, teria como adversário nada menos que o atual campeão da Libertadores, o Atlético Nacional (COL). E logo no maior feito de sua história, quiseram os deuses do futebol nos pregar uma peça. A Chapecoense estava voando cada vez mais alto até que decidiram lhe dar asas não para colocar mais uma estrela no escudo, mas transformar esse clube em uma. Agora, quando nossos times estiverem precisando de ajuda, serão os jogadores da Chape que nos ouvirão. Não oramos mais por eles, e sim para eles.

Uma pena o mundo não poder assistir a Chapecoense no maior salto de sua história. Uma pena o futebol brasileiro perder um de seus filhos mais queridos. Uma pena as lágrimas de seus torcedores não serem mais de alegria.

**PARTICIPE!**

Mande críticas, sugestões e comentários:

✉ zeroufsc@gmail.com

☎ (48) 3721-4833

f /jornalzero

t @zeroufsc

Departamento de Jornalismo - Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Trindade, Florianópolis (SC) - CEP: 88040-900



3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil  
**EXPOCOM 1994**



Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca  
**Sindicato dos Jornalistas de SC 2000**



Melhor Jornal-Laboratório  
**EXPOCOM SUL 2015**



Melhor Jornal-Laboratório do Brasil  
**EXPOCOM 2015**



Melhor Peça Gráfica

**Set Universitário / PUC-RS**  
1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998

**EQUIPE**

Ana Carolina Inácio, Ana Carolina Prieto, Camila Valgas, Daniel da Silva, Débora Nazário, Fernanda Mueller, Fernanda Struecker, Fernando Lisboa, Francielle Cecília, Giulia Gaia, Gustavo Falluh, Kamylla Silva, Luiza Giombelli, Mateus Mognon, Monique Souza, Neri Neto, Omar Niekiforuk, Pedro Cureau, Rodrigo Rocha, Sarah Soares e Tamy Dassoler

**DIAGRAMAÇÃO**

Omar Niekiforuk, Rodrigo Rocha e Ronaldo Fontana

**EDIÇÃO**

Anna Paula Silva, Carlos Henrique Costa e Eduardo Garcia Alves

**CAPA**

Foto: Francielle Cecília

**PROFESSORES RESPONSÁVEIS**

Janara Nicoletti

SC 02957 JP

Frederico S. M. de Carvalho

SC 01787 JP

**MONITORIA**

Gisele Flores e Michel Gomes

**IMPRESSÃO**

Gráfica Grafinoorte

**TIRAGEM**

4 mil exemplares

**DISTRIBUIÇÃO**

Nacional

**FECHAMENTO**

22 de dezembro

# Fontes renováveis como moeda de troca

Fabio Tarnapolsky/Zero

Geração distribuída permite empréstimo de energia excedente produzida por consumidor

**F**ontes de energia estão entre os temas mais debatidos quando o assunto é sustentabilidade pelo seu alto movimento de mercado. Nas conversas, surgem novas formas de produção e comercialização, uma delas é a geração distribuída (GD), o método que dá autonomia aos consumidores de eletricidade para que produzam a própria energia. Nela, as fontes mais presentes são as renováveis e a mais viável é a solar, criada através de painéis fotovoltaicos.

Na geração distribuída, quem consome energia pode gerá-la em sua residência e vender o excedente da produção para as empresas distribuidoras. Em Santa Catarina, foi criado pela Celesc um projeto que incentiva o uso desse método. É o programa Bônus Fotovoltaico, que tem como objetivo custear 60% da instalação dos painéis de energia solar nas casas dos moradores interessados em participar. Esses dispositivos são os necessários para o uso da geração distribuída. Compostos por células que captam a luz do sol e a convertem em eletricidade, costumam ser usados por empresas e organizações que buscam as fontes renováveis para geração de energia. Os pré-requisitos para inscrição são: estar em dia financeiramente com a Celesc e ter um consumo médio superior a 350 quilowatts nos últimos 12 meses.

Mas por que a divulgação desse programa? É que ele vai seguir à risca o conceito do método de produção em casa. As pessoas vão usar os painéis, produzir sua própria energia ao longo do ano e o que sobrar de excedente será injetado no sistema elétrico catarinense, uma parceria consumidor-instituição. “A gente acompanha mensalmente a quantidade de sistemas e vemos que está aumentando. Atualmente temos 350 unidades e a expectativa é que esse nú-

mero passe para mil. As pessoas já estão aceitando os preços iniciais para arriscarem no projeto”, explica Márcio Lauter, um dos coordenadores do projeto.

O custo inicial, sem descontos, vai de aproximadamente R\$ 1 mil em um painel, até R\$ 50 mil em um gerador solar completo. O preço dos equipamentos para geração de energia solar vem diminuindo com o crescimento no número de fabricantes de painéis fotovoltaicos. O incentivo e a criação de projetos do tipo foram permitidos pela Resolução Normativa nº 482/2012 da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que estabeleceu o Sistema de Compensação de Energia Elétrica para acesso de micro e minigeração distribuída no Brasil.

A potência instalada pela GD em Santa Catarina é de 5842 quilowatts e a região tem o maior índice per capita de uso de energia solar, além de ser um dos cinco estados que vão oferecer desconto no Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), para incentivar os moradores a usarem os sistemas alternativos de eletricidade.

Roberto Francisco Coelho, é formado em engenharia elétrica foi um dos pesquisadores do Centro de Energias Renováveis (CES) da fundação CERTI e atualmente desenvolve trabalhos de pesquisa junto ao Instituto de Eletrônica de Potência (INEP), onde trabalha com o processamento de energia fotovoltaica desde 1994. O especialista comenta que a resolução normativa 482/2012 possibilitou uma mudança na produção do país. “Nós costumamos desenvolver sistemas que processam energia geradas por fontes renováveis, fazemos isso antes da 482, mas a partir dela que passamos a trabalhar mais fortemente com os inversores, que são dispositivos para fazer interface entre a fonte renovável e a rede elétrica. O Brasil recentemente começou a ter empre-

Rodrigo Rocha/Zero

## GERAÇÃO DISTRIBUÍDA EM SANTA CATARINA

### - Potência instalada por tipo de energia

 Fotovoltaica	42.890 quilowatts
 Eólica	159 quilowatts
 Biomassa	6.000 quilowatts
 Biogás	3.367 quilowatts

Fonte: Márcio Lauter, coordenador do projeto Bônus Fotovoltaico da Celesc



Roberto Francisco Coelho é engenheiro elétrico e trabalha com painéis fotovoltaicos

## “A MICROGERAÇÃO FUNCIONA POR MEIO DA COMPENSAÇÃO DE ENERGIA, QUANDO O CONSUMIDOR INSTALA UMA FONTE EM CASA”

sas que produzem esse tipo de equipamento, embora nós já dominássemos a tecnologia em laboratório”.

A microgeração, segundo Coelho, é aquela que se baseia na compensação de energia, isso funciona quando o consumidor instala na sua casa uma fonte, para se tornar autônomo e não consumir mais da concessionária. É nesses casos que entram os painéis fotovoltaicos, que agora são vendidos para o público e despontam no mercado. Para o pesquisador, o investimento se paga entre seis a oito anos, pela economia das faturas de energia elétrica.

### Debate antigo

Entre os dias 26 de agosto e 4 de setembro de 2002 foi realizada no Rio de Janeiro a conferência Rio +10, ou Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, conhecida como *Earth Summit* em países de língua inglesa. O objetivo principal do encontro foi discutir soluções propostas na Agenda 21 (Rio 92) e aplicá-las, de forma coerente, pelos governos e cidadãos. Dentre os assuntos debatidos, um deles era a energia, mas as conversas não avançaram. A problemática era sobre o esgotamento das reservas de combustível fóssil e o uso de fontes renováveis para substituí-las. Devido às dificuldades dos países emergentes em usarem esse método, a discussão parou em apenas citações de exemplos. Foi a primeira vez em que isso foi debatido no país. A matriz energética brasileira é baseada nas hidrelétricas, tipo de fonte que gera polêmica pelos problemas causados nas construções de usinas, como Belo Monte. O Brasil tem potencial para a produção de outras fontes renováveis, mas o território

é pouco explorado, o que se busca é a diversificação das matrizes energéticas.

A energia eólica é um dos tipos pouco usados no país que se encaixam no método da geração distribuída e que podem variar o cenário das fontes renováveis do país. Ela consiste em gerar eletricidade através da força dos ventos, muito comum na Europa. Segundo Roberto Francisco Coelho, a eólica “é pouco utilizada, o país tem grandes regiões com ventos intensos que dão condições para produzir essa energia e dela extrair uma boa potência. Temos que tomar cuidado também com o tipo de ambiente onde ela será instalada, ventos turbulentos geralmente acontecem nas grandes cidades, nesse caso o uso de ventiladores eólicos não se torna favorável”. Apesar da possibilidade de se construir microgeradores, esse tipo de fonte ainda não é o principal tema da Geração Distribuída, já que se encaixam mais em produtores de maior potência, como grandes empresas. O potencial da GD é, de fato, concentrado na energia solar e nos painéis fotovoltaicos.

As fontes renováveis e sustentáveis fazem parte dos temas debatidos mundialmente para um desenvolvimento sustentável. A utilização da geração distribuída é um dos principais incentivos para que o Brasil, país tão atuante na matriz alternativa, avance cada vez nas pesquisas e descobertas de métodos, para que as energias sejam utilizadas de forma inteligente. Por quem as consome, produz, ou os dois ao mesmo tempo. ☺

Fabio Tarnapolsky  
ftarna@gmail.com

# Malware sequestra dados e pede resgate

Ransomware é usado por criminosos para roubar dinheiro de empresas e órgãos públicos

Mateus Mognon/Zero

**H**enrique Kühn chegava para mais um dia de trabalho como assistente financeiro em um hotel de Florianópolis. Seus colegas executavam suas atividades sem preocupações, mas algo estava errado: ele não conseguia acessar diversos arquivos em seu computador. Pesquisou uma solução rápida na internet e descobriu que podia se tratar de um vírus.

O diagnóstico foi confirmado após a equipe de Tecnologia de Informação (TI) constatar que outras máquinas estavam com o mesmo problema e exibiam uma janela pedindo uma quantia de dinheiro para liberar os dados. Graças a alguns cliques descuidados de um dos funcionários, o sistema de computadores da empresa foi sequestrado por um hacker utilizando o *ransomware*, um *malware* que cresceu em 2016 e vem gerando prejuízos.

A tradução do nome já diz tudo: ransom significa “resgate” em inglês. Já o sufixo malware é atribuído a todo programa utilizado para infectar computadores. Em outras palavras, é um *software* malicioso usado para sequestrar dados e pedir resgate em dinheiro.

Segundo Marcus Almeida, especialista de segurança online, os *ransomwares* são desenvolvidos desde a época do antigo sistema da Microsoft MS-DOS, no início dos anos 1990. Os hackers que usavam o vírus tinham como alvo grandes empresas, que podiam pagar resgates milionários pelos seus arquivos. Porém, nos últimos anos, o vírus se popularizou e começou a ser utilizado não apenas contra multinacionais, mas também pequenas e médias empresas, serviços públicos e até usuários comuns de internet.

Além de torná-lo mais abrangente, também deixaram este tipo de ataque maior e mais complexo, com mais variantes do vírus, desde arquivos simples até *malwares* difíceis de serem combatidos.

**“NO PRIMEIRO TRIMESTRE DESSE ANO, O NÚMERO DE CASOS SUBIU 30% DO QUE NO MESMO PERÍODO EM 2015”**

“Os primeiros ataques eram mais fáceis de serem corrigidos. Atualmente estão muito mais sofisticados. Muitas vezes, os códigos criados pelos hackers para desbloquear o sistema têm mais de cem dígitos, praticamente impossível de ser descoberto”, explica Almeida.

## Como funciona o ataque

Apesar de bastante complexo, o meio mais utilizado para espalhar o vírus é antigo: os e-mails. Os hackers espalham mensagens sensacionalistas que atacam a curiosidade pela internet para tentar pegar as vítimas. “Eles procuram plataformas com longo alcance para disseminar o vírus e atingir o máximo de alvos possíveis. Quando o ataque é pulverizado, a probabilidade do cibercriminoso ter sucesso é maior”, explica o engenheiro de segurança Nelson Barbosa.

Além do tradicional e-mail, outra forma comum de infectar usuários são sites falsos ou de baixa segurança, como plataformas de pirataria. Quando utilizado para atacar corporações ou serviços públicos – como prefeituras e hospitais –, os hackers



Os métodos mais utilizados são os e-mails sensacionalistas e sites com baixo nível de segurança, como os de pirataria

também se aproveitam de deficiências na segurança dos sistemas. “Para empresas, o método mais utilizado atualmente para infectar computadores são as falhas em serviços remotos, que permitem controlar computadores à distância. Os cibercriminosos também estão adotando novas técnicas de proliferação do *ransomware*, como vulnerabilidades em Java e Flash. Já relatamos até um ataque onde o vírus chegou ao computador via arquivo PDF”, comenta o especialista de segurança, Fabio Assolini.

No caso das empresas, também existe a possibilidade de uma sabotagem interna. Como o vírus precisa ser instalado, um funcionário descontente pode acabar colocando-o no sistema propositalmente. “Um profissional insatisfeito pode acabar divulgando informações sigilosas ou vazar dados relacionados ao planejamento estratégico”, aponta Paulo Silva, especialista de segurança da informação da Tracker Consultoria.

Quando instalado no sistema operacional, os arquivos são criptografados com chaves de cifração altas, normalmente entre 1048 e 4096 bits, dificultando o trabalho das equipes de TI. Junto com o acesso aos arquivos negado, o *software* malicioso também abre uma janela onde exige pagamento para que o conteúdo seja desbloqueado. Normalmente, os cibercriminosos pedem o “resgate” em bitcoin, uma moeda digital criptografada e que não pode ser rastreada como cédulas de dinheiro convencionais.

É unanimidade entre os especialistas em segurança a recomendação de que as vítimas não efetuem pagamentos quando atacadas, pois assim só estão alimentando esse tipo de golpe. Além disso, o cibercriminoso não dá nenhuma garantia de que realmente desbloqueará os arquivos. Em alguns casos, como explica Fabio Assolini, nem mesmo o hacker consegue descriptografar os arquivos sequestrados pelo *software* malicioso. “O número de criminosos amadores está aumentando. Existem famílias de *ransomware* com chaves de cifração tão mal programadas que a recuperação dos arquivos é impossível. Na hora de criar o vírus, o

próprio hacker acaba eliminando a chave que abria os arquivos do sistema”.

## Crescimento e “mercado” obscuro do Ransomware

Em questão de números, o principal sistema operacional atingido pelo *ransomware* é o Windows, que está presente em mais de 80% dos computadores no mundo. Porém, a família de vírus também já chegou no Linux e também no Mac, utilizado nos computadores da Apple. O primeiro grande ataque massivo que ocorreu no sistema operacional da fabricante de iPhones aconteceu em março de 2016, quando uma falha de segurança permitiu que um *ransomware* fosse disponibilizado para download no lugar de um popular programa de torrents do Mac, software permite baixar filmes e séries piratas de graça na internet.

Os dispositivos móveis também não escapam dos *ransomwares*. Em 2016, a empresa de segurança Symantec registrou uma onda de ataques de *ransomware* da família Android.Lockdroid, feita especialmente para Android, sistema operacional



## Como se proteger do Ransomware?

- Não clique em links suspeitos na internet
- Não instale aplicativos e programas de fontes desconhecidas
- Sempre tenha um antivírus nos seu dispositivos
- Caso seja vítima, procure na internet a *No More Ransom*, iniciativa criada por presas de segurança que traz dicas de como lidar com este ataque
- Antes de cogitar pagar o resgate, procure a polícia e faça um boletim de ocorrência

do Google que é o mais utilizado em smartphones mundialmente. O vírus bloqueia a tela do celular e, em seguida, abre uma janela onde explica que, para desbloquear os arquivos do aparelho, a vítima deve entrar em contato com o hacker para fechar um acordo por meio de um serviço de mensagens do próprio *malware*.

Além do crescimento no número de plataformas e nos meios de infecção, o vírus também se espalhou geograficamente, atingindo países de menor poder financeiro, incluindo o Brasil, que foi a quarta maior vítima deste tipo de ataque em 2015. “Antes, os *ransomwares* atacavam países desenvolvidos, mas, por causa da facilidade, os cibercriminosos começaram a mirar em países menores economicamente”, afirma Fabio Assolini, especialista de segurança online.

O crescimento dos ataques de *ransomwares* também gerou um mercado que vai além dos sequestro direto de arquivos e que, conseqüentemente, aumenta ainda mais o número de ataques. O hacker conhecido como “Fakben” encontrou outra alternativa para ganhar dinheiro com o *malware* sequestrador: vendendo e alugando códigos de ransomware para novatos no mundo do cibercrime.

O negócio chamado de “Cryptolocker Service”, que pode ser contratado na DeepWeb, promete que qualquer pessoa possa lançar ataques do tipo, contanto que o dono do código receba 10% dos ganhos. Segundo Assolini, esta prática é conhecida como sistema de afiliados e também funciona com porta de entrada para novos hackers. “Neste sistema, um criminoso que ainda não sabe programar seu próprio *malware* consegue os códigos com alguém mais experiente e os dois trabalham em conjunto, dividindo os lucros no final do ataque”.

### O vírus em Florianópolis

Um dos principais setores econômicos de Florianópolis é a tecnologia, o que faz da capital um ponto importante para empresas da área e, também, um local cheio de alvos para *ransomware*. De acordo com o especialista em segurança Paulo Silva, ainda não existem pesquisas informando o número de



Paulo Silva ensina empresas a se proteger de ciberataques

“MUITAS VEZES, OS CÓDIGOS CRIADOS PELOS HACKERS PARA DESBLOQUEAR O SISTEMA TÊM MAIS DE CEM DÍGITOS, PRATICAMENTE IMPOSSÍVEL DE SER DESCOBERTO”

casos e o prejuízo total causado por este tipo de ataque, mas diversas empresas da Grande Florianópolis já passaram por isso. “Em nível nacional, só no primeiro trimestre deste ano, o número de casos subiu 30% em relação ao mesmo período de 2015”, aponta.

Em parceria com a Tracker Consultoria, a Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (Acate) oferece constantemente cursos preparatórios e palestras sobre segurança online, com o objetivo de diminuir a incidência de prejuízos. “Nestes encontros, falamos sobre atitudes para manter os dados a salvo e como as companhias devem agir para se protegerem ou resolverem situações que as exponham”, conta Silva. Ele também recomenda que as empresas contem com um funcionário específico para segurança online. “O primeiro passo é contar com um especialista para tentar resolver de forma rápida o problema”.

Outra dica é sempre manter um backup de dados essenciais. Assim, informações vitais não serão comprometidas e o pagamento do resgate nem será cogitado. “Caso a companhia conte com certa estrutura de segurança de dados, o importante é resolver a situação informando que o pagamento não vai ocorrer e realizando uma limpeza através de antivírus. É preciso ainda reforçar com a equipe as ações de segurança e relembrar as regras relacionadas a acessos para evitar uma nova invasão”, orienta Silva.

### Prefeitura recebe novo sistema com melhorias na segurança online

Como órgãos públicos são alvos constantes, a equipe do **Zero** procurou os responsáveis pela área de TI da Prefeitura de Florianópolis para saber como é a segurança online do órgão. De acordo com o Diretor de Governo Eletrônico da prefeitura, Cícero Cerri, o órgão não teve grandes prejuízos com ataques de *ransomware* até o momento graças a um novo sistema implementado em 2013, o Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina (Ciasc), mais moderno e seguro. “Soubemos de tentativas de hackers utilizando vírus com características de *ransomware* que foram inibidas pela tecnologia do nosso sistema”, explicou.

Algumas estações de trabalho chegaram a ser afetadas, mas os dados da administração foram protegidos. “Computadores pessoais podem ter sido infectados, mas não possuem privilégios de comunicação para que o ataque se concretize, sendo bloqueados e desinfetados automaticamente por nossos servidores de segurança”.

Segundo Cerri, os investimentos em segurança online estão sendo bem executados e, atualmente, a equipe está finalizando o processo de implementação de um novo sistema que vai englobar toda a estrutura online utilizada pela prefeitura, o que inclui aproximadamente 3 mil computadores, 100 servidores e 200 circuitos de fibras ópticas interligados.

### Hospital Universitário adota medidas para evitar ataques online

Outra vítima constante de *ransomware* são redes hospitalares. Porém, o Hospital Universitário (HU) da UFSC não entra neste padrão. Segundo Renato Leal, coordenador de TI, o sistema nunca foi infectado. “Não tivemos registro desse vírus na nossa rede. Também não tive notícias sobre esse tipo de ataque aqui na UFSC”.

A equipe mantém os computadores atualizados e com *softwares* antivírus para se proteger de possíveis ameaças. Além disso, o sistema do HU conta com um filtro que impede o acesso a sites suspeitos, o que evita a exposição a perigos online. “Trabalhamos com um *firewall* que bloqueia sites maliciosos e trabalha com as ameaças mais conhecidas”, explica Leal.

De acordo com o coordenador de TI, o hospital já sofreu outros ataques online, mas sempre com baixa periculosidade. “O máximo que aconteceu foram poucos computadores parados. Não tivemos prejuízos ou vazamento de dados”.

Mateus Mognon

mateusmognon@gmail.com



Ao invadir um sistema, os cibercriminosos criptografam todos os arquivos e depois pedem algum valor de resgate

# Aprenda como se proteger nas redes

Especialista em segurança *online* dá dicas de como evitar ser vítima de *crackers* na internet

**O** ex-funcionário da Agência Nacional de Segurança (NSA), e hoje ativista exilado na Rússia, Edward Snowden, assustou o mundo ao falar sobre a segurança online. Segundo ele, um celular em qualquer lugar do planeta pode ser acessado por satélite e captar áudio e imagem mesmo que esteja desligado. Isso traz um questionamento à sociedade moderna sobre segurança online. Até onde estamos protegidos na rede?

**“UMA DAS TÉCNICAS UTILIZADAS PARA PEGAR SENHAS DE CONTAS É A ENGENHARIA SOCIAL”**

Rodrigo Salvo, especialista em segurança online, desenvolve estratégias para empresas que precisam de proteção para seus computadores e servidores. Conversamos com ele sobre as melhores formas de se proteger no uso privado. A seguir, citamos dois casos de pessoas que sofreram ataques dos chamados *crackers* – indivíduos que quebram códigos de segurança com fins criminosos –, e Salvo explica os erros das vítimas e o que elas poderiam ter feito para se proteger.

## CASO I

**Como foi:** Uma amiga de infância de Malena Wilbert a chamou pelo Facebook dizendo: “Então, desculpa incomodar, mas preciso trocar o email do meu facebook pq perdi acesso ao meu antigo... so que pra isso, eles sorteiam 3 amigos da pessoa pra confirmar a troca... e acabaram sorteando vc... confirma pra mim? é bem fácil... só receber um SMS no celular com um código e me passar ele. Ajuda? :)”

O SMS que a vítima recebeu foi a seguinte: “O seu código de verificação do Google # 18107”.

Ao receber o número, Malena não se questionou o motivo de estar escrito “Google” ou “código de verificação” porque conhecia a amiga há muitos anos. Em seguida, a vítima enviou print do SMS com o código. Pouco tempo depois, recebeu uma segunda mensagem do Google informando que alguém havia acessado sua conta. O aviso trazia uma opção

“avise-nos se não for você” – um mecanismo de segurança para evitar que pessoas não autorizadas acessem a conta de e-mail.

Por causa dessa opção, foi possível impedir que os *crackers* tivessem acesso a informações pessoais. Além de interromper o acesso à conta, a empresa de tecnologia também disponibiliza o endereço IP (Internet Protocol ou Protocolo de internet) com o local e horário de login. Assim que recebeu a mensagem completa informando que um computador desconhecido entrara em sua conta, a vítima teve acesso ao endereço de IP e o local de acesso do cracker. “Eu fiquei nervosa, porque guardo documentos importantes como cópias digitais de documentos e outras informações pessoais no Drive. E daí eles já estavam tentando entrar no meu Facebook, mas eu já tava ligada, já tava com o IP deles na mão”.

A vítima registrou boletim de ocorrência na delegacia de crimes virtuais e não enfrentou mais problemas do tipo desde então. Recentemente, aderiu a uma solução para tentar uma proteção definitiva: está experimentando um antivírus capaz de bloquear tablet ou smartphone à distância. Isso impede que outras pessoas acessem o conteúdo do aparelho caso seja roubado ou perdido. Assim, se ela perder seu celular, por exemplo, pode bloquear o acesso através do computador e vice-versa. O aplicativo também é capaz de informar a localização do celular e outros dispositivos quando conectado à internet.

**Erro, segundo o especialista:** “Uma das técnicas utilizadas para pegar senhas de contas é a chamada engenharia social. *Hackers* se utilizam dessas técnicas se passando por um amigo, puxando conversa e conseguindo algumas informações. Eles geralmente conseguem acesso a um perfil em alguma rede social e logo pedem o e-mail para alguém. Tendo a conta de e-mail, caso a vítima tenha a senha fraca, é só fazer algumas tentativas para conseguir acessá-lo. Tanto que, quando alguma pessoa acessa o seu e-mail de algum local diferente, o provedor manda um SMS ou mesmo um e-mail avisando. A dica que dou é sempre questionar se seus contatos são realmente quem você pensa que são. Recomendo suspeitar se eles pedem algum dado pessoal e, nesse caso, é bom fazer alguma pergunta mais pessoal, para garantir a iden-



Malena Wilbert se surpreendeu quando percebeu que sua conta havia sido hackeada

tidade de quem está do outro lado. Muita gente usa dados óbvios para senhas, como data de aniversário ou coisas do gênero, e assim é muito fácil para um atacante ter acesso.”

## CASO II

**Como foi:** Thalita Constatinov teve o cartão de crédito clonado há cerca de um mês. Quando recebeu a fatura, viu apenas gastos com corridas de Uber, fora do Brasil. Ela estranhou porque nunca chegou a fazer uma conta no aplicativo. No total, foram gastos mais de R\$ 800 em cerca de quatro dias. Ela costuma comprar na internet usando o seu cartão de crédito, mas toma alguns cuidados. Evita comprar de sites desconhecidos, e tem dois computadores: um onde faz downloads, e outro, que considera mais seguro, para fazer as compras online.

**O que errou segundo o especialista:** “Hoje, eu também faço compras em diversos sites e, às vezes,

de um site falso. Ainda, ela pode ter baixado algum arquivo malicioso, que pegou os dados do seu computador. Para se proteger nesses casos, cadastrar um envio no SMS de cartão de crédito é uma boa pedida. Toda vez que uma compra é feita com o meu cartão, por exemplo, eu fico sabendo. Esse é um serviço que não custa muito e dá segurança aos usuários, ajudando a identificar clonagens muito mais rápido do que esperar pelo vencimento da fatura.

E sobre os cuidados que a Talita tomou, mesmo que ela tenha um computador só para fazer downloads, se os dois computadores estiverem na mesma rede, um *malware* poderia acessar qualquer um deles através do que chamamos de ‘movimentação lateral’. Além disso, também é importante tomar cuidado com os sites falsos. Ao lado da URL do site, existe um pequeno cadeado que significa que o site é seguro.

Mesmo sites fakes podem ter um certificado de segurança, mas é muito raro, e saber disso já dá mais segurança. Caso saibamos que um computador de uma rede está infectado, devemos tomar muito cuidado com o que acessamos nos outros computadores daquela mesma conexão. Tem gente que sabe que tem o computador infectado e mesmo assim deixa o outro computador com webcam ligada, o que é perigoso.”

**“PARA SE PROTEGER NESSES CASOS, É UMA BOA PEDIDA CADASTRAR O ENVIO DE UM SMS A CADA COMPRA NO CARTÃO” DE CRÉDITO”**

acabamos fazendo compras em alguns menos conhecidos. A clonagem de cartão de crédito pode acontecer de diversas formas: alguém pode ter coletado os dados da Talita através

.....  
Daniel Santos  
danielss8787@gmail.com  
Neri Neto  
nerineto07@gmail.com

# Dieta sem glúten: um hábito perigoso?

Tirar esta proteína do cardápio sem necessidade pode acabar sendo prejudicial à saúde

**H**á alguns anos ninguém notava a expressão “não contém glúten” nas embalagens dos produtos. Hoje, alimentos sem a proteína se tornaram aliados de pessoas que querem perder peso e buscam maior qualidade de vida. É o caso de famosas como Juliana Paes e Luciana Gimenez, que a cortaram da alimentação para voltar à forma após a gravidez. O tenista número dois do mundo, Novak Djokovic, até escreveu um livro sobre como a dieta contribuiu para a sua carreira, o *Sirva para vencer* – a dieta sem glúten para a excelência física e mental.

O glúten é o responsável por dar aquela consistência fofo aos produtos industrializados. Mas não é somente o pão ou o prato de macarrão que estão condenados, ao contrário do que pensam alguns consumidores. Além de estar presente no trigo, ele também está no centeio, na cevada e na aveia. Ou seja, quem tiver coragem de cortar a proteína da alimentação não poderá mais tomar cerveja, nem mesmo no happy hour. No entanto, há quem adotou a dieta sem glúten por necessidade.

Cerca de 1% da população mundial possui a chamada doença celíaca, que altera a textura da parede intestinal, prejudicando a absorção dos nutrientes. Resultado de fatores genéticos, imunológicos e ambientais, o indivíduo tem essa condição ou predisposição, mas necessita de exposição ao glúten para desenvolver a doença. Os sintomas mais comuns são diarreia crônica, perda de peso e dores abdominais. Em alguns casos, também chega a causar constipação intestinal e artrites (dores nas articulações). A patologia pode ser diagnosticada pela biópsia do intestino ou através de um exame de sangue.

A estudante de medicina, Louise Siqueira, de 23 anos, teve diagnóstico da doença celíaca há dois anos. Como ela não demonstrava sintomas, nem sentia nenhum desconforto quando consumia a proteína, só foi descobrir que estava anêmica numa consulta de rotina. O corpo percebe o glúten como algo que faz mal para ela e o combate com o sistema imunológico, causando uma inflamação que pode trazer muitas consequências futuras.

A anemia é um exemplo disso, mas em casos mais graves pode ocasionar infertilidade ou até mesmo câncer. O nutrólogo Eddy Alvarez explica que a doença celíaca não é quantitativa, e sim qualitativa. Ou seja, mesmo quantidades mínimas da proteína na alimentação podem causar alterações no corpo dos celíacos. “Como eu não sinto nada, é fácil pensar que às vezes posso comer e não vai acontecer nada, mas seria um erro. Todas as vezes que ingerir alguma forma de glúten, vai me prejudicar”, analisa Louise.

A adaptação, conta a estudante, foi difícil. Ela teve que deixar de ir a restaurantes que gostava e parou de comer suas comidas preferidas. Já Pedro Leite, coordenador da Rádio Itapema FM SC, mudou a alimentação por opção e diz que não sofreu para se adaptar. Sentia-se estufado quando comia pão, e certos alimentos pioravam sua sinusite.

Além de cortar o glúten, também parou de consumir alguns alimentos específicos, como o leite, que atrapalhava a sua voz. Aos 57 anos, Pedro Leite tem uma saúde e disposição que muitos jovens invejam. “Se eu sei que não me faz bem, não quero mais comer, não tem nenhum sofrimento. Se eu tiver que tomar um chá super amargo, mas eu sei que aquilo vai me fazer bem, vou tomar”, afirma.

## O que dizem os profissionais

De acordo com a Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição (SBAN), desde 2004 o mercado de produtos livres de glúten vem crescendo aproximadamente 30% ao ano. Este desempenho não se deve ao aumento da incidência de casos de intolerância ao glúten, mas sim à grande demanda gerada pela adesão à dieta *gluten free*

entre indivíduos não-celíacos. Alguns profissionais afirmam que o consumo de derivados de trigo é prejudicial à saúde por causa de substâncias químicas e modificações genéticas presentes nestes produtos.

A nutricionista Gisele Brodwolf costuma prescrever dietas para seus pacientes baseadas em produtos naturais – saladas, vegetais, peixes, azeites, frutas – e não inclui alimentos refinados. Ela explica que o problema não é o glúten, e sim a modificação genética em alimentos derivados do trigo e os aditivos dele. Desde os agrotóxicos das plantações até fosfatos adicionados para conservação do trigo e pão. “Antigamente, um pão durava três dias, hoje, chega a durar semanas”, constata a nutricionista.

## Desmistificando a dieta *gluten free*

A SBAN indica que a dieta sem glúten para indivíduos que não possuem a doença celíaca, além de não ser benéfica, pode prejudicar o trato digestório. Esse tipo de alimentação é frequentemente pobre em grãos integrais e fibras que têm efeito prebiótico, isto é, estimulam o crescimento de espécies bacterianas consideradas benéficas para o intestino. Portanto, segundo o

parecer da entidade, “o consumo de farinha de trigo integral por indivíduos não sensíveis ao glúten contribui para a redução do risco de câncer intestinal, de condições inflamatórias, de dislipidemias e de doenças cardiovasculares”.

A maioria dos médicos e nutricionistas garantem que a dieta sem glúten não é a melhor opção para quem busca perder peso. Em termos de caloria, o pão sem glúten, à base de fécula de batata ou polvilho, praticamente empata com o tradicional. Outro ponto negativo é que, ao suprimir o glúten da dieta, algumas pessoas não consomem os nutrientes necessários, sentem mais fome e comem em excesso.

Segundo o nutrólogo Eddy Alvarez, o indivíduo que adota esse tipo de dieta pode até emagrecer, mas isso acontece devido à retirada de alimentos ricos em carboidrato do cardápio, como pães, massas e biscoitos. Não significa que a perda de peso está ligada diretamente ao glúten. Engana-se quem pensa que os rótulos *gluten free* significam menos açúcar, menos gorduras ou sequer menos quilos na balança. ☹

Fernanda Mueller

fernandajmueller@gmail.com

Omar Niekiforuk/Zero

### Vida sem Glúten

Tapioca, pão de queijo e biscoitos de polvilho

Flocos de milho e arroz

Massas feitas com farinha de arroz, quinoa ou milho

Vinho e champagne

Pães, bolos e biscoitos de trigo

Aveia, granola e cereais

Macarrão, pizza e outras massas

Cerveja e uísque



Camila Valgas/Zero

# Chega de silêncio: vamos falar de aborto

Mulheres arriscam sua vida ao fazer o procedimento de maneira clandestina e insegura

**B**runa\* levantou da cama com o primeiro toque do despertador. Mal havia dormido. Um misto de ansiedade e nervosismo tomava conta dela. Entrou no banheiro e abaixou as calças do pijama na expectativa de estar menstruada. Nada. Mais um dia de atraso e tensão. Correu para a cozinha e preparou um litro de chá de canela, hábito adotado há exatos cinco dias. Com uma breve pesquisa na internet, a jovem havia descoberto as propriedades da erva — entre elas, a contraindicação para gestantes, pois pode provocar aborto devido a contrações no útero.

Depois da faculdade, no início da noite, Bruna passou na farmácia e comprou um teste caseiro de gravidez. Estava evitando aquele momento há dias. Primeiro, por não querer acreditar na possibilidade. Em segundo, por conhecer o farmacêutico atrás do balcão — era um conhecido de seu pai. Fingiu um sorriso e disse estar comprando para a amiga de uma amiga. Ah, claro que não era para ela! Tão novinha, né?

“Negativo, negativo, negativo”, entoava em pensamento como um mantra. Pegou a embalagem com receio, leu as instruções e esperou pelo resultado. Foi sentada no vaso sanitário que viu as duas tirinhas vermelhas aparecerem em poucos minutos: positivo.

Essa história é comum. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 12% das jovens brasileiras de 15 a 19 anos de idade têm pelo menos um filho. O relatório ainda mostra que 95% dos partos com adolescentes do mundo são realizados em países em desenvolvimento, como o Brasil. Pode-se estimar um total de 7,3 milhões de novas mães menores de idade por ano, sendo que 2 milhões são menores de 15 anos. Mas e quando ter o filho é uma ideia tão assustadora — ou inviável — que as meninas buscam outra opção?

Em torno de 6,5 milhões de abortos induzidos foram realizados na América Latina e no Caribe, entre 2010 e 2014, conforme uma estimativa divulgada em maio de 2016 pelo Instituto Guttmacher e Organização Mundial da Saúde (OMS). O estudo indica que, em cada mil mulheres casadas, 49 realizaram o procedimento; entre as solteiras, a taxa é de 28 em cada mil. Segundo

o estudo, nem 3% delas vivem em países que permitem o procedimento. Mas isso não impediu que o número de abortos aumentasse na região, comparado com o período 1990–1994, quando se estimava 4,4 milhões de abortos. Ou seja, o percentual de gravidezes interrompidas subiu de 23% para 32%, segundo a pesquisa.

Em vários locais do mundo, o aborto é considerado um crime contra a vida. O Código Penal Brasileiro, por exemplo, prevê detenção de um a três anos para a gestante que optar por ele. Apenas três situações estão livres de penalidades: se há risco de vida para a mulher, se a gestação é consequência de um estupro ou quando

## Tema divide opiniões na Câmara, Senado e Supremo

Em novembro de 2016, o Supremo Tribunal Federal (STF) se reuniu para julgar um caso envolvendo duas pessoas denunciadas pelo Ministério Público pela suposta prática de aborto com consentimento da gestante. Os envolvidos no caso, ocorrido em Duque de Caxias (RJ), foram presos em flagrante. Contudo, foram soltos, pois os ministros do STF entenderam que, por serem réus primários, com bons antecedentes, trabalho e renda fixa, a prisão não se sustentava.

O relator, ministro Marco Aurélio Mello, afirmou que os artigos do Código Penal que criminalizam o aborto até os três primeiros meses de gestação violam direitos fundamentais da mulher. “Na medida em que a mulher que suporta o ônus integral da gravidez e que o homem não engravida, somente haverá igualdade plena se a ela for reconhecido o direito de decidir sobre a sua manutenção”, declarou.

Luís Roberto Barroso, que também faz parte da primeira turma do STF, mostrou mais um argumento favorável a liberação dos acusados. Segundo ele, os artigos do Código Penal de 1940 que caracterizam o crime do aborto não são válidos quando comparados à Constituição Federal de 1988. Sendo o Código Penal anterior à Constituição, deve-se excluir a possibilidade de crime quando o aborto é realizado dentro dos três primeiros meses de gestação, visto que a Constituição traz artigos que defendem os direitos e a autonomia das mulheres.

Contudo, a Câmara reagiu rapidamente a essa decisão. No mesmo dia, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), formou uma comissão especial que pode incluir na Constituição um artigo sobre o aborto. “Sempre que o Supremo legislar, nós vamos deliberar sobre o assunto”, concluiu. Na realidade, a comissão vai debater uma proposta sobre licença-maternidade, a PEC 58/11, do deputado Jorge Silva (PHS-ES), mas a discussão pode acabar tornando ainda mais rígida a legislação sobre a interrupção da gravidez.

Fora da corrente favorável à descriminalização da prática, o deputado Edmar Arruda (PSD-PR) foi um dos representantes que usou a religião como argumento para reprovar a decisão do STF. “Nós, que somos cristãos, nós que defendemos a família, nós que defendemos a vida, nós não concordamos com essa decisão”, disse.

Apesar da decisão valer apenas para o caso em questão, a manifestação de ministros do Supremo em favor da descriminalização do aborto indica que, caso este tema seja levado ao plenário do STF em um debate de repercussão geral, existe a possibilidade de as proibições ao aborto previstas no Código Penal serem derrubadas — porém, precisam ser aprovadas tanto na Câmara quanto no Senado. Enquanto isso, as práticas ilegais e inseguras continuam.

### Sem consulta médica e orientação profissional

Para averiguar a facilidade da compra de pílulas abortivas, o Zero foi até o local indicado por Bruna: o Mercado Público. Ao chegar, não sabíamos para quem poderíamos perguntar sobre a disponibilidade do Cytotec, o “remédio”. Por puro instinto, procuramos pela pessoa que nos pareceu mais inofensiva: uma jovem que aparentava ter uns 20 anos e trabalhava em um dos boxes.

— Oi, vocês têm Cytotec? — perguntei quase em um sussurro.

— Cytotec? A gente tem Cytotec, Simone? — berrou a menina para uma atendente mais velha, que parecia ser a gerente. Esta fez que não com a cabeça, um pouco constrangida, claramente sabendo do que se tratava.

— Não tem Cytotec aqui não, moça. O que que é isso? — a jovem voltou a perguntar.

E eu, insegura, respondi:

— Remédio pra aborto.

Ela não pareceu se abalar, mas ficou pensativa e soltou:

— Ué, então vai na farmácia, né... aqui que não vai ter, não.

Agradecemos pela dica e saímos andando pelos outros boxes procurando alguém com mais informações. Ao avistar outra jovem, fomos até ela com a mesma pergunta. Desta vez, obtive uma resposta mais satisfatória:

— É pra ti mesmo? — respondeu ela, me avaliando.

— Sim.

E, com isso, soube onde eu realmente poderia encontrar os tais dos remédios, em um local próximo dali. A jovem nos informou exatamente sobre a pessoa com a qual deveríamos falar.

O local não era dos mais acolhedores. Apesar de ser três da tarde de um dia útil, o bar da rua estava lotado de homens bêbados. Vários mendigos estavam parados por ali, sentados no chão com olhares vagos. Avaliamos o local até encontrar a mulher com a aparência descrita pela jovem do Mercado Público. Encontramos e, um pouco apreensivas, nos aproximamos.

— Oi, tem Cytotec? — perguntei, enquanto a mulher me encarava ao mesmo tempo em que tragava um cigarro.

— Cigarro? Tenho, sim — respondeu ela bem alto.

Em um primeiro momento, achei que não havia me escutado direito, já que eu tinha quase sussurrado a pergunta. Mas logo entendi que a resposta era apenas para despistar quem pudesse ter ouvido o curto diálogo.

Ela continuou:

— Entra no bar que eu já vou ali.

Seguímos para dentro do minúsculo bar, que estava lotado. Não havia nenhuma mesa disponível e tentamos ficar em um dos cantos do local, paradas, sem coragem de proferir uma única palavra. Então esperamos. Assim que a mulher entrou no estabelecimento, deu um olhada geral e afirmou:

— Aqui dentro não, tá muito lotado. Vamos ali pra fora.

Seguímos ela, parando logo ao lado do bar, em frente a uma loja que estava fechada.

— É de quanto tempo? — ela perguntou.

Me senti patética por não ter saído de casa já pensando em alguma história para encobrir a possível gravidez, então gaguejei:

— Dois meses.

— Então vão ter que ser oito pílulas. Pra dois meses tem que ser oito. Vocês sabem usar, né?

— A gente leu as instruções na internet...

— O que vocês leram? — ela interrompeu, e eu respondi narrando tudo o que havia juntado de informações dos mais diversos sites.

Quando terminei, ela declarou:

— Aqui não é igual o da internet, não. Aquele lá é o remédio que um médico te daria, esse daqui não. Por isso tem que tomar mais. Tem que ser oito. E cada uma custa 70 reais. É só tomar duas, as outras seis tem que colocar no canal vaginal, bem lá dentro, senão dá errado. Toma duas, coloca o resto direitinho lá dentro e pode deitar e ficar bem relaxada que tá tudo certo.

E antes mesmo de respondermos algo, ela continuou:

— Vocês não têm mesmo nenhuma amiga que saiba fazer?

— Não temos, não. Não conhecemos ninguém. Vem muita gente aqui comprar?

— Ô, se vem, minha filha. Todo dia, um monte. Lá da universidade mesmo... as meninas já tão tudo craque.

Agradecemos pelas informações, afirmando que iríamos pensar um pouco melhor na situação e, qualquer coisa, voltaríamos para realizar a compra.

o feto não possui uma parte do cérebro. Nestes casos, o governo realiza o aborto gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, procedimentos realizados fora de território nacional — em países onde a ação é descriminalizada — também são livres de pena.

A questão é, de fato, problemática, já que ainda não existe consenso sobre qual momento marca o início de uma vida. Os defensores da visão neurológica afirmam: somente quando as primeiras conexões neurais são estabelecidas no córtex cerebral do feto ele se torna um ser humano. A religião também assume um papel determinante para a visão da sociedade sobre o tema. Como o Brasil é o país com maior número de católicos romanos do mundo, grande parte da população enxerga o aborto como um crime.

As opiniões são conflitantes: seria sensato abortar? Estariam essas mulheres cometendo um homicídio

ou arriscando a própria vida? De acordo com a pesquisadora do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero (Anis) Débora Diniz, em algumas cidades do Brasil o aborto clandestino é a segunda maior causa de morte materna. Na América do Sul e no Caribe, ele é responsável por 10% das mortes maternas todos os anos, conforme o estudo do Instituto Guttmacher e da OMS. O relatório constata que “cerca de 760 mil mulheres da região são tratadas anualmente por problemas gerados pelo aborto inseguro”. Entre as consequências indicadas estão o aborto incompleto, a perda excessiva de sangue e infecções. Outras complicações citadas como menos comuns, mas consideradas muito graves, são o choque séptico, a perfuração de órgãos internos e a inflamação do peritônio.

Mesmo sabendo dos riscos, muitas mulheres se submetem ao procedimento. Foi o caso de Bruna. Ao

descobrir a gravidez, ela sequer conseguia levantar. “Não sei cuidar de um bebê. Não posso, não consigo”, o pensamento martelava em sua cabeça. Tinha uma vida estável, cursando Direito, estagiando na área que pretendia seguir e com apenas 19 anos.

Imediatamente, jogou a palavra “aborto” na internet e leu diversos textos a respeito. Entrou em um grupo feminista no Facebook e ficou surpresa ao descobrir que havia pílulas abortivas à venda em um lugar de fácil acesso no Centro da cidade onde mora: Florianópolis. Após um exame sanguíneo que confirmou a gestação, Bruna — um pouco hesitante — comprou as tais pílulas de Cytotec, o remédio que causa aborto medicinal através de contrações uterinas.

Com ajuda de uma amiga tão inexperiente quanto ela, tomou as pílulas como indicava as instruções de um site com aparência confiável, pois ali tinha lido diversos depoimentos de outras mulheres desconhecidas que afirmavam ter obtido sucesso no procedimento. Aguardou com medo do que estava por vir. As dores começaram fortes: uma cólica que nunca havia sentido. Não podia reclamar ou tomar outros remédios, pois qualquer alteração poderia fazer o Cytotec não agir corretamente. Muito sangue e grandes coágulos eram expelidos.

Bruna chorava pensando no pecado que havia cometido, ao mesmo tempo em que brigava com sua racionalidade: “Você não acredita nisso, é apenas um feto! Não é um ser humano”. Ela já não tinha certezas, só medo e insegurança. Agora, era uma criminosa perante a lei. “Quantas outras mulheres já passaram por isso?”, se perguntava

### Legalizar ou não?

No Congresso Nacional, o único projeto pela legalização da prática do aborto que obteve uma tramitação longa foi apresentado em 1991 por Eduardo Jorge. Porém, não foi viabilizado. Para Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara dos Deputados, a descriminalização aumentaria a prática no país. Cunha é autor do maior número de propostas para tornar mais rígida a legislação contrária ao aborto no Brasil.

Existe um grande esforço por parte da população pró-escolha de tornar legal o aborto no Brasil como opção da gestante. Um dos fortes argumentos desse grupo é que a prática ilegal não evita que o aborto seja realizado, apenas faz com que as mulheres recorram a meios alternativos e inseguros de fazê-lo.

Um dos exemplos de conscientização é o grupo Católicas pelo Direito de Decidir: com um escritório fixo em São Paulo, as integrantes apresentam palestras, oficinas e publicam artigos sobre os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. “Visto que a maioria das mulheres que abortam são católicas, já que a maioria da população brasileira também é, nós tentamos mostrar que a religião não pode interferir em uma questão de saúde pública competente ao direito individual de cada uma”, argumenta Rosângela Talib, coordenadora do projeto.

“O aborto ser ou não legal não teria mudado a minha decisão. Só teria permitido que eu não corresse risco de vida”, relata Bruna, que hoje esclarece dúvidas sobre o assunto e compartilha sua experiência em um grupo de apoio feminista.

O Zero entrou em contato com a assessoria de imprensa da Polícia Civil de Santa Catarina. A assessora, que não quis revelar seu nome, informou que o órgão não possui um planejamento para fiscalizar os locais de venda para apreender as pílulas. “Muitas vezes, sabemos através de denúncias. A Polícia Rodoviária também encontra esse tipo de medicamento junto com outras drogas, mas é só isso”, afirmou.

\*Os nomes desta reportagem foram alterados para preservar a identidade das entrevistadas. ☺

Ana Carolina Inácio

anacinciopassos@gmail.com

Camila Valgas

camilamelicia@gmail.com

# Estudantes sofrem com rotinas intensas

Sintomas da doença são considerados normais e o tema é pouco debatido na UFSC

Doses Diárias de Amor e Respeito/Divulgação

**M**arta, 22 anos, vive com sua mãe em Florianópolis e foi diagnosticada com depressão no segundo período da faculdade. Não muito diferente de vários outros jovens da sua idade, ela entrou na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para aprender e encontrar realização pessoal e profissional. Antes de ser diagnosticada, atuava na empresa júnior do seu curso\*\* voluntariamente, além de estagiar e trabalhar em projetos externos. Para ela, o conjunto de atividades servia para tentar suprir o que não encontrava na sala de aula: conhecimento atualizado e relevante para sua futura profissão. Contudo, trabalhar para se manter, se profissionalizar e cumprir a carga horária semestral exigida foram os catalisadores de uma rotina cada vez mais impossível, que trouxe consigo a depressão e uma tentativa de suicídio.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 21% dos jovens entre 14 e 25 anos possuem sintomas de depressão. Entre eles, 5% já tentaram suicídio. “Dentro da universidade o jovem deve lidar com as idealizações e expectativas que tem sobre como será sua vida e como será seu desempenho, na tentativa de sustentar suas idealizações, seus sonhos, essa pessoa pode adoecer por não conseguir enxergar e respeitar seus limites”, avalia a psicóloga Adriane Ciaffone.

Enquanto muitos conseguem driblar o stress e a pressão do dia a dia, outros “podem adoecer”, complementa a psicóloga. Além disso, fatores como solidão, distanciamento da família e amigos, má alimentação, sedentarismo e local precário de moradia podem desencadear o problema.

## Doença silenciosa

Muitos estudantes sequer percebem os sintomas da depressão, por julgarem se tratar de algo comum ao dia a dia. “As relações, sem dúvida, serão afetadas. Distanciamento, isolamento, ansiedade, cansaço, desinteresse, são alguns dos sinais que podem ser observados com cuidado. Esses sintomas são sinais socialmente aceitos, e podem ser justificados pelo estilo de vida, e por isso passam despercebidos”, explica a psicóloga Adriane Ciaffone.

Os sintomas da doença variam de pessoa para pessoa, em diferentes níveis e podem aparecer de forma bastante sutil. “Pode ser um mergulho muito profundo nos afazeres, nas obrigações, um sofrimento disfarçado de dedicação e auto-exigência. Somos ensinados muitas vezes a não levarmos nossos sofrimentos à sério, sentir pode ser considerado sinal de fraqueza para muitos, então ignora-se o sentimento”, comenta Adriane. Ela alerta que o afastamento dos próprios sentimentos pode levar alguém a entrar em crise ao não perceber os pequenos sinais do problema.

Flávio\*, de 19 anos, passou por isso. Ele é cotista na UFSC e precisa compartilhar seus gastos com os pais, que moram no interior. Para melhorar a situação financeira da família, a saída era buscar sustento na profissão que escolheu. Para se formar mais rápido, passou a cursar oito disciplinas por semestre e quando não estava dentro da sala de aula como aluno, era professor de redação, atividade que encontrou para aliviar as contas. Flávio não aguentou, teve um surto repentino em 2015. A crise fez com que trancasse o curso\*\*, voltasse para a casa dos pais e buscasse ajuda profissional. O tratamento incluiu oito tipos de remédio e terapia com psicólogo. Após 2 meses, ele pode retornar suas atividades na

universidade. Hoje, Flávio não precisa mais de remédios e segue com o processo de terapia.

Situação semelhante foi vivida por Carolina\*, mas além da rotina acelerada, a estudante de engenharia\*\* ainda buscava driblar a frustração de não conseguir atender às suas próprias expectativas com o curso. Antes de entrar na faculdade, ela já tinha um diploma técnico em Informática. De acordo com a acadêmica, enquanto era bolsista em um laboratório da UFSC, os professores lhe designavam atividades relacionadas ao seu curso técnico anterior e não à graduação, para qual a vaga era destinada, o que gerava desconforto com a atividade desenvolvida. Além disso, a jovem também atuava no centro acadêmico, organização de festas para a formatura, bolsa de iniciação científica, e, claro, a carga horária das aulas da graduação. A sensação de que sua vida social e sua saúde estavam sendo deixadas de lado para dar lugar apenas para o desempenho acadêmico culminaram em um quadro de depressão. Ao ser diagnosticada, Carolina abandonou todas as funções acadêmicas anteriores. E não pensa em voltar.\*As identidades dos entrevistados foram preservadas nesse texto. ☺

\*As identidades dos entrevistados foram preservadas nesse texto

\*\* A fonte solicitou que o curso não fosse revelado

Sarah Soares

sarah.soares.ce@gmail.com

Colaborou: Débora Nazário

deborah\_nazario@hotmail.com



Relações interpessoais são prejudicadas quando o aluno está em crise

**SEGUNDO A OMS, 21% DOS JOVENS ENTRE 14 E 25 ANOS POSSUEM SINTOMAS DE DEPRESSÃO**

## Rede de apoio

A depressão é uma doença silenciosa por se instalar discretamente, invisível aos que estão em volta. Para os familiares e amigos que acompanham uma pessoa nesta condição, é importante oferecer uma rede de apoio e mobilização, para acolher a pessoa e oferecer suporte. “Familiares têm importante papel no aspecto afetivo e questões práticas. Professores podem se abrir para conversar e entender como a depressão está limitando a participação de seus alunos e construir com esses novas possibilidades de aproveitamento e de avaliação para que o aluno não seja ainda mais prejudicado”, pontua a psicóloga Adriane Ciaffone.

A pessoa com depressão também precisa passar por acompanhamento psicológico e, em alguns casos, psiquiátrico com apoio de medicamentos. Com a psicoterapia, a pessoa desenvolve processos de “reconstrução de significados e formas de relação com seu mundo, seu ambiente e pessoas de sua vida”, comenta Adriane. Segundo a especialista, os remédios tratam o sintoma, mas precisa ser administrado com uma terapia adicional. “O remédio é essencial em muitos casos, mas o sintoma voltará, da mesma forma ou de outra, se a forma dessa pessoa relacionar-se com sua vida não mudar”.

## Locais de atendimento

Em Florianópolis, os estudantes da UFSC podem ser atendidos no Serviço de Atenção Psicológica (Sapsi), que oferece acompanhamento psicológico e também orientação profissional. Mas a procura é grande. Em agosto, por exemplo, as 30 vagas disponíveis para terapia foram preenchidas em 30 minutos, e a última fila de espera contava com mais de 200 pessoas.

Além do Sapsi, o estudante pode ser atendido pelo Hospital Universitário em caso de emergência e mais três psicólogas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Outras universidades particulares também possuem núcleos de atendimento. Também há na capital a Associação Instituto Movimento (Assim), uma organização que oferece atendimento a pessoas de baixa renda ou sem condições financeiras para pagar uma consulta particular com psicólogo. Institutos como Instituto Familiare, Locus Partner, Comunidade Gestáltica, Instituto Granzotto, também oferecem atendimento social.

# UFSC não consegue coibir ações racistas

## Movimentos estudantis criticam atuação da Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades

**A**o prestar o vestibular da UFSC em 2015, Francielle Cecília dos Santos imaginava que as situações de racismo e humilhação que vivenciou na universidade onde estudava no interior do estado diminuiriam de forma significativa. Acreditava que o ambiente de uma instituição pública seria muito mais acolhedor e que, por isso, os preconceitos que ela testemunhava e sentia não estariam mais presentes no seu dia a dia. Não foi isso que aconteceu. Na fila do restaurante universitário ouviu “piadas” sobre seu cabelo crespo vindos de um grupo de meninos que são amigos do seu namorado, um deles até perguntou se ela frequentava a roda de capoeira do bloco do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), porque para ele todo mundo que é negro joga capoeira.

Francielle não fez denúncia na ouvidoria e talvez não tenha nem chamado a atenção do amigo do seu namorado. Ela também não deu risada da “piada”. Sofreu calada. Assim como o relato dela, a maioria das ocorrências de racismo na universidade ainda são subnotificadas, seja por medo da exposição, de sofrer assédio ou represálias ou ainda receio de gerar alguma indisposição com algum colega.

Esse tipo de comportamento de hostilidade a outra pessoa é chamado de intolerância. A psicóloga Francine Beiro explica que a pessoa intolerante tenta impor seu pensamento através da utilização da agressividade e da raiva, humilhando e coagindo o outro.

A exposição a esse tipo de preconceito traz consequências psicológicas e emocionais para quem é vítima. Ao internalizar as ofensas e hostilidades, o alvo da agressão pode desenvolver sentimentos de auto-rejeição, insatisfação com o próprio corpo, baixa autoestima, inferioridade e insegurança, por exemplo, que favorecem o comportamento de isolamento, além da ansiedade, depressão, o aparecimento de fobias e, em casos mais graves, pode até levar a estresse pós-traumático e ataques de pânico.

Para tentar combater casos de intolerância dentro da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em maio, foi criada a Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades (SAAD), responsável por definir e executar políticas afirmativas, focadas em questões étnico-raciais, gênero, orientação sexual, e de acessibilidade e equidade.

### Racismo na universidade

Neste ano três casos de racismo ocorridos na UFSC ganharam repercussão. Em outubro a sala Quilombo, utilizada por estudantes negros no Centro de Convivência para a realização de atividades étnico-culturais, apareceu pichada com ameaças racistas, homofóbicas e nazistas. A universidade encami-



Marcas da manifestação neonazista permanecem na parede da Sala Quilombo

nhou informações à Polícia Federal que investigou o caso, mas até a publicação desta reportagem, ninguém havia sido responsabilizado pelo ato.

Uma nova ocorrência aconteceu em novembro, mês em que se celebra o Dia da Consciência Negra. Como forma de protesto e de chamar a atenção para as pichações, um grupo de estudantes negros organizou uma manifestação batizada de Virada Anti-racista, evento

contra o estudante ou não. “Ouvido os alunos, o Colegiado do curso entendeu que não havia nenhuma materialidade para que implicasse em ofensa grave e devolveu o processo pra mim, o outro, colegiado entendeu que o comentário que a aluna fez foi genérico, e o outro resolveu que o aluno será suspenso por 30 dias pelos comentários de cunho racista e agressivos”, explica o chefe de gabinete da Reitoria, Aureo Moraes.

## RACISMO INSTITUCIONALIZADO É A INCAPACIDADE DE UMA INSTITUIÇÃO EM PROVER SERVIÇO ADEQUADO ÀS PESSOAS EM VIRTUDE DE SUA ORIGEM RACIAL OU ÉTNICA

que traria oficinas, mesas de debate e aula pública para a comunidade acadêmica. Começou com uma intervenção no Restaurante Universitário (RU) e, durante o ato, um desentendimento entre duas manifestantes e um rapaz acusado de agressão física deu início a uma confusão que só foi terminar na delegacia. Houve gritaria, ameaça, empurra-empurra, agressão. Os três envolvidos foram levados pelo Deseg para a Polícia Civil onde registraram Boletim de Ocorrência.

Um outro caso aconteceu em janeiro. Ao “questionar” a existência de um curso de licenciatura indígena em um grupo do Facebook um estudante deu início a uma enxurrada de comentários racistas. Os acadêmicos indígenas denunciaram o caso em março. Meses depois perceberam que o processo não estava no sistema e fizeram uma nova denúncia na ouvidoria, após a posse da nova gestão da Reitoria. Foi aberto um procedimento administrativo e, em pouco mais de um mês, o processo chegou nas mãos das coordenadorias dos cursos nos quais os alunos denunciados estão matriculados. Dos sete identificados e denunciados apenas um foi punido.

De acordo com as normas da UFSC, é o Colegiado do curso o responsável por decidir se abre um processo disciplinar

Francis Tourinho, responsável pela coordenação da SAAD, quer que sejam criadas políticas específicas na universidade para que assuntos de interesse do departamento possam ser tratados e resolvidos dentro da própria secretaria. Segundo ela, a resolução que regulamenta as penas disciplinares ao estudante não trata de situações que envolvam crimes cometidos dentro da universidade, como o racismo e a discriminação, por exemplo.

O objetivo é desenvolver ações para combater também o racismo institucionalizado, conceito definido pela ONG Geledés, como a incapacidade de uma instituição em prover um serviço adequado às pessoas em virtude de sua origem racial ou étnica, resultado de uma combinação de ações que mesclam estereótipos racistas, falta de atenção ou até mesmo ignorância em lidar com determinados contextos. Trata-se de um problema nacional que não afeta só a universidade. “A gente combate o racismo institucional na UFSC com políticas específicas, para minimizar ou punir o racismo. Estamos pensando em uma política de enfrentamento ao racismo, além de trabalhar com a educação e a conscientização”, explica a secretária da SAAD Francis Tourinho.

### Longo percurso

Mesmo com a criação de uma secretaria específica para tratar as demandas dos movimentos negro, indígena e LGBT, a SAAD vem sofrendo diversas críticas sobre seu modo de atuação. Para Roberta Lira, ativista do coletivo Kurima – estudantes negros e negras da UFSC, a Secretaria acaba inviabilizando a luta do movimento negro na medida em que não abre espaços para o diálogo e não leva em conta o que foi construído anteriormente pelos coletivos durante as gestões passadas. “O mínimo que a secretaria deveria fazer é chamar os coletivos e movimentos negros para saber como nós queremos construir uma melhor estrutura para nós”. Guilherme dos Santos, integrante do coletivo 4P (Poder para o Povo Preto), acredita que a UFSC não tem sido cuidadosa com as questões raciais nos últimos anos e mesmo com a criação de uma secretaria específica as coisas não mudarão porque “ela atua de forma sobrecarregada”. Segundo ele, “a questão é de responsabilidade da universidade como um todo e não de uma secretaria única, só porque ela recebeu o nome de diversidade”, afirma.

Francis Tourinho diz que, sempre que procurada, recebe as demandas de coletivos internos e externos à universidade e de pessoas da comunidade acadêmica que não estão organizados em grupos. Quanto a crítica em relação a sobrecarga, justifica: “estamos criando a SAAD, instituindo normas, treinando pessoal, aprendendo as situações em que a SAAD tem que trabalhar e ainda recebendo casos de denúncia e trabalhando nos que precisam”. Francis ressalta ainda que “existe uma demanda reprimida dentro da universidade. As pessoas não sentiam que poderiam denunciar e que podiam pedir ajuda”.

José Ribeiro, presidente do Conselho Estadual das Populações Afrodescendentes (CEPA), acredita que a Reitoria deveria agir de outra forma para combater o racismo dentro da universidade. “O racismo deve estar pautado dia-a-dia”. Para ele, “todo o corpo técnico deveria estar sensibilizado, passar periodicamente por formação nas discussões das leis que envolvem crimes de racismo e estudo da cultura indígena e afro-brasileira”. Roberta Lira concorda, e aponta que um dos caminhos é a construção coletiva de políticas afirmativas entre universidade e estudantes, pois eles “têm um manancial de informações para acrescentar”. Para Guilherme dos Santos, “é uma questão da universidade de se colocar enquanto protagonista dessas ações e não uma mera espectadora que só atende quando a gente berra”, conclui. t

Francielle Cecília

franciellehanck@gmail.com

Renato Botteon

renatogbotteon@hotmail.com

# Crise no país dá voz à mídia alternativa

Repórter Rafael Vilela, da *Mídia Ninja*, discute a atual situação do jornalismo no Brasil

**R**afael Vilela, 27 anos, é formado em Design pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mas foram as experiências que teve além do curso que o direcionaram para seu trabalho como fotógrafo da *Mídia Ninja*, um dos principais veículos independentes de informação do Brasil. “Sempre fui muito próximo do jornalismo; estudei fotografia por conta própria. Então, minha compreensão do jornalismo vem um pouco da fotografia, do fotojornalismo”, diz.

Participou de grupos e movimentos sociais durante a graduação, como o Diretório Central dos Estudantes da UFSC e o Coletivo Cardume, nos quais sempre buscou dinamizar a comunicação. Até chegou a trabalhar em uma agência de publicidade, mas lembra desse período como “um mês horrível” em sua vida. Foi morar em uma casa da rede de coletivos Fora do Eixo, em São Paulo, e nunca mais saiu de lá. “Fui me envolvendo. Era um momento que já estavam pensando na proposta de uma rede de comunicação independente. E foi lá que, enfim, a gente construiu a *Mídia Ninja*”.



Fernanda Struecker/Zero

Em um país no qual a comunicação e o jornalismo são vistos com desconfiança, as fontes independente se tornam uma alternativa para quem busca informações. Jornalistas de grandes empresas se posicionarem politicamente se tornou motivo de demissão: Barbara Gancia foi demitida da Band News, por se recusar a pegar leve com Eduardo Cunha, e José Trajano demitido da ESPN, por se mostrar contrário ao impeachment da ex-presidente da República Dilma Rousseff.

Além disso, uma onda de aversão ao jornalismo parece vir de quase todos os ângulos. Jornalistas são agredidos em manifestações — perdem equipamentos, e até a visão. Em relatório da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), foram registradas 206 agressões intencionais contra jornalistas desde as manifestações de 2013, sendo 145 por parte de agentes de segurança e o restante por manifestantes.

Em uma conversa com a equipe do *Zero*, Rafael Vilela falou sobre a crise política, o comportamento da mídia brasileira, a participação das redes sociais nesse cenário e como é o trabalho dos *Ninjas*.

**Zero: Como funciona a Mídia Ninja?**

**Rafael Vilela:** A Mídia Ninja se confirma essencialmente como um veículo de base colaborativa, distribuído tanto no território quanto na gestão. Não tem a ideia de um editor-chefe. Tem editorias ligadas aos temas que importam para a nossa geração e são invisibilizados ou distorcidos pela mídia tradicional: o genocídio da juventude negra, a questão ambiental, as ondas do movimento LGBT, a legalização das drogas. Temos editores e uma galera mais orgânica, que está nas casas coletivas. Nessas casas, o pessoal trabalha 24 horas por dia, a partir de uma dinâmica comunitária onde ninguém tem salário; todo mundo vive com um caixa coletivo. A ideia é que o colaborador possa se sentir parte do processo e que o trabalho faça sentido pra ele. Para isso, ele precisa de uma gestão muito sólida e que existam pessoas dedicadas a organizar, estimular e inspirar.

**Z: Você já tinha como objetivo seguir na mídia independente?**

**RV:** Sim, sempre tive um tesão grande por comunicação. Não tinha essa ideia do jornalismo independente porque não era uma realidade, mas tinha o sonho. A gente até brinca, todo mundo quando era mais novo na fotografia sonhava em trabalhar na National Geographic, mas nem imaginava o quão corporativo, o quão ligado ao século 20, é a estrutura de uma revista como aquela; uma mega corporação. E hoje a gente descobre que o nosso sonho é trabalhar na Mídia Ninja, é criar o nosso próprio sonho. Se você ficar esperando alguém vir te contratar para fazer o trabalho que você quer, você pode passar a vida inteira esperando. Mas você pode juntar amigos que tem um interesse comum e amanhã mesmo fazer o que sonha, independente se isso dá dinheiro ou não. Você tem um ecossistema de mídias independentes hoje no Brasil que é reflexo de um dos países com a maior concentração midiática de poder. São sete famílias que controlam praticamente tudo. Mas, e não é nem a gente que fala isso, e sim o jornalista Glenn Greenwald, que falou com a gente esses dias, que o Brasil, por ter essa concentração, acabou gerando também a mídia independente mais potente do mundo.

**Z: Que dificuldades a Mídia Ninja enfrenta enquanto fonte de informação independente?**

**RV:** Acaba sempre sendo a primeira pergunta: “como que vocês vivem disso, como é que vocês pagam a conta?”. Não que isso seja uma dificuldade, porque criamos um sistema baseado em caixa coletivo. Mas é esse o desafio, como criar uma metodologia que te permite fazer aquilo na sua totalidade. Isso está muito ligado à ideia de que mídia alternativa também tem que falar para milhões de pessoas, não só para quem tem acesso ou entende. A gente entende que o grande financiador do processo é a nossa própria força de trabalho. Você coloca 20, 30 pessoas numa casa coletiva para trabalhar naquilo e elas abdicam de ter um salário em prol de um processo coletivo e de um objetivo comum. Cada um está investindo sua vida naquilo ali e isso não tem preço. O mercado nunca vai conseguir absorver esse tipo de desejo e disposição das pessoas. E no lado do crescimento eu acho que é um pouco isso de romper a bolha e falar com o desorganizado. O objetivo é chegar até a vó de alguém, que não está envolvida naquilo, mas viu e falou “poxa, tem um contraponto essa informação, não é só essa fonte”, para gerar esse questionamento nas pessoas em relação a de onde vem a informação.

**“A QUESTÃO NÃO É VOCÊ SER PARCIAL OU NÃO: VOCÊ TEM QUE DEIXAR NÍTIDO O SEU LUGAR DE FALA”**

**Z: Como você acha que a mídia tem cumprido seu papel nesse momento politicamente instável do país? Como ela tem influenciado a população?**

**RV:** O golpe é institucional, jurídico e midiático. A mídia é corresponsável no processo de quebra democrática que a gente viveu nesse último ciclo. Como sempre, foi um componente de desestabi-

lização dos movimentos sociais e das pautas progressistas. O que a gente tem que dimensionar é o novo: hoje podemos criar uma rota paralela a isso. A gente teve um processo de dez, 15 anos no Brasil, onde, mesmo com um governo de intenções populares, a política de comunicação avançou muito pouco, o que fez com que a mídia tivesse o poder de derrubar um governo. É uma coisa impensável, atuação de partido político. Você tem nomes que são extremamente midiáticos, como o [João] Dória, que acaba de ser eleito em São Paulo e é conhecido como apresentador de TV, ou parte do movimento evangélico, que conseguiu crescer e se estabelecer quando entendeu que precisava de mídia e comprou a Record. Então, a ideia de que a mídia é um partido nunca foi tão concreta — a mídia está no centro do debate sobre poder, sobre direitos, sobre sociedade civil, sobre o próprio processo democrático.

**Z: A Mídia Ninja sempre se posiciona politicamente. Para você, qual a importância desse posicionamento por parte dos veículos?**

**RV:** Acho que se assumir politicamente é uma questão central para a gente e deveria ser para todos os veículos. A questão não é você ser parcial ou não: você tem que deixar nítido o seu lugar de fala, da onde vem sua opinião. A gente tem um mito da imparcialidade no Brasil, perpetuado principalmente porque a academia prepara as pessoas para o mercado de trabalho. Esse conceito isenta os veículos de serem identificados quanto grupos políticos; eles saem desse radar e as pessoas entendem o que eles publicam como realidade, têm dificuldade de interpretar. A gente não acredita de maneira nenhuma na imparcialidade. Toda opinião emitida tem um conhecimento prévio.

**Z: Considerando esse posicionamento, como é a participação das pessoas nas suas páginas?**

**RV:** Não temos medo de enfrentar, de comprar desgaste. Se temos uma opinião política formada, nós vamos defendê-la. Não somos refém do nosso público, nesse sentido. Ao mesmo tempo, nosso processo

de produção de conteúdo é extremamente conectado com o público. E público entre aspas, porque acho que a dinâmica das novas mídias supera essa história de emissor e receptor. Tem momentos que o *Ninja* tem 40 mensagens por minuto chegando por mensagem privada no Facebook e pessoas da equipe que ficam o tempo todo atendendo esses que estão lendo o nosso trabalho. A era das redes está trazendo coisas novas e a gente tem que aproveitar isso.

**Z: Temos visto jornalistas sendo criticados, tanto pelos veículos em que trabalham, quanto pelo público, por assumirem suas posições políticas. Como os colaboradores da Mídia Ninja são instruídos em relação a isso?**

**RV:** Não tem nenhum problema. O Ninja nasce dessa posição política assumida, de uma mídia que está mostrando o que ninguém está. Cada pessoa que trabalha ali tem uma opinião própria e está disputando o espaço da sua opinião, tentando convencer mais gente de que aquilo é importante. Boa parte das nossas pautas são construídas em diálogos diretos com os próprios movimentos sociais. Eles são os atores do processo; então, é deles que a gente vai escutar a opinião. Essa proximidade com os movimentos nos dá tranquilidade de entender que não estamos defendendo posições do Ninja enquanto indivíduos, mas sim posições coletivas.

**Z: Como você avalia a relevância da internet e das redes sociais no contexto político atual? O quanto elas ajudam ou prejudicam a cobertura?**

**RV:** A Mídia Ninja e qualquer outro veículo de comunicação independente não existiria se não fossem as redes sociais, mesmo com todas as críticas que possamos ter em relação ao Facebook. Não tem como negar que foi a partir dessas plataformas que foi possível existir um trabalho como o que a gente faz. O que tem é a contradição, mas quem vive em um sistema capitalista e quer transformar ele numa coisa diferente tem que lidar com isso. Então, eu discordo dessa leitura de que as redes sociais emburrecem as pessoas. A questão da educação no Brasil é séria; a educação pública é muito defasada. Você acha que ela vai gerar pessoas que estão conscientes do seu tempo? Não necessariamente. E

a mídia, de fato, emburrece as pessoas porque interessa a ela, aliada ao status quo político, que ninguém consiga ser questionador, crítico. Então, acho que essa questão não é das redes sociais: é uma questão da sociedade.

## “BOA PARTE DAS NOSSAS PAUTAS SÃO CONSTRUÍDAS EM DIÁLOGOS DIRETOS COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS”

**Z: Como você avalia a mídia brasileira no que diz respeito à cobertura de movimentos políticos?**

**RV:** Desastrosa. Essa comunicação que eles fazem dos movimentos é sempre na tentativa de criminalizar, desmoralizar, tirar visibilidade. Por exemplo, teve uma manifestação em São Paulo contra a PEC 55 e isso apareceu muito pouco. Se fosse um ato a favor do impeachment, teria 20 minutos no Fantástico. A gente tem que ter essa dimensão de que a mídia corporativa é inteligente. Ela não deixa muitas vezes de fazer a cobertura, mas no grau de relevância que ela dá pra cada notícia é que você entende. É nos detalhes que está a manipulação da mídia. É na omissão. Não é só uma questão de “eu acho que a mídia manipula”. Não, você pode calcular o tempo, a prioridade que ela dá para cada pauta. Nas redes é a mesma coisa: quando é uma denúncia contra o Lula, fica três dias na capa. Quando é contra Aécio, Serra ou Cunha, aí não é corrupção, não é um escândalo.

**Z: Em manifestações, como é a reação dos participantes e da polícia com a mídia?**

**RV:** A gente é recebido de forma muito interessante nas manifestações progressistas. No nosso campo político, de defesa da democracia e dos direitos, a Mídia Ninja tem uma aceitação muito grande. As pessoas participam, querem gerar conteúdo. Já em uma manifestação de direita, falar que é da Mídia Ninja é quase uma ofensa. A esquerda tem muitas posições e o Ninja opera no sentido de dar visibilidade para a diversidade de pensamentos que existem

na sociedade, entendendo que a soma deles é que vai conseguir superar a crise e começar a reconfigurar um processo político no Brasil. Sobre a polícia, várias pessoas da Mídia Ninja já foram presas por estarem transmitindo ao vivo. Em 2013 isso foi muito forte e continua acontecendo. Mas a gente entende que a visibilidade é a nossa maior defesa. Vamos nos posicionar cada vez mais e criar uma situação em que mexer com a mídia independente também seja um problema para eles.

**Z: Qual momento foi o mais marcante para você fazendo coberturas para a Mídia Ninja?**

**RV:** Tem coisas muito emocionantes, como você acompanhar um acampamento de sem-teto. Eles ocupando um terreno, montando suas próprias casas, seus barracos de lona, na esperança de que aquilo vá possibilitar ter uma casa própria e conseguir sair da ditadura do aluguel. A pauta indígena também; estar em contato com os povos originários, seja nas aldeias, na resistência deles ou na linha de frente contra os fazendeiros, aquela coisa tensa que tem cheiro de morte. Pra mim, um momento especialmente tenso que foi a cobertura da queda do Mohamed Morsi, no Egito. Em agosto de 2013, o país começou a explodir nas ruas, estimavam que quase 30 milhões de pessoas estavam nos protestos. Passei uns sete dias cobrindo as ruas do Cairo no meio de uma revolução, da derrubada de um presidente eleito, pelo próprio povo que o elegeu. Aquilo foi tenso, algo que eu nunca tinha vivenciado, noites com 50 mortos. O Egito passando por um processo de rompimento democrático; talvez, possa-se dizer que nunca teve uma democracia de fato. Lá, é terrível a perseguição às mídias. Tirar foto de polícia em uma manifestação pode significar ser preso. Além de só falar inglês, em um país que todo mundo fala árabe, eu tinha muita cara de gringo, então rolava muito preconceito. Essa cobertura foi uma coisa muito marcante pra mim. ☺

.....  
**Fernanda Struecker**

fe.struecker@gmail.com

**Luiza Giombelli**

luizamgiombelli@gmail.com

**Pelas lentes de Rafael Vilela, a Mídia Ninja oferece a proposta de ser um contraponto e mostrar a realidade das ruas brasileiras que a mídia tradicional não está mostrando, ou muitas vezes, desmoralizando e distorcendo movimentos sociais.**

**Rafael é fotógrafo da Mídia Ninja desde a criação do grupo e cobre as manifestações políticas que acontecem no país, assim como pautas relacionadas à questões sociais como o Movimento dos Sem-Teto, resistência indígena e a legalização das drogas.**

Arte: Ronaldo FontanaZero  
Fotos: Rafael Vilela/Diálogo



Vestindo trajes de época e caminhando pelas ruas de Santo Antônio de Lisboa, integrantes da Sociedade Histórica Desterrense relembra pontos tradicionais e curiosidades

# Passeio pela história nas ruas da capital

Grupo preserva patrimônio cultural da cidade lembrando o passado de Florianópolis

**P**auline Kisner chama a atenção por onde passa. O vestido armado com a ajuda de crinolina, a postura ereta pelo uso de espartilho e os cabelos enfeitados com flores dão a impressão de que ela saiu das páginas de um livro de história. Enquanto caminha pelas ruas de Santo Antônio de Lisboa, pessoas se aproximam para pedir fotos ou perguntar se ela é atriz. Alguns até pedem para ver o que há por baixo de tantas camadas de tecido.

Quando se mudou para Florianópolis com a mãe, em 1997, Pauline começou a explorar o Centro para se familiarizar. Foi assim que descobriu a cultura, as ruas e os prédios locais. Alguns anos depois, ela ingressou no curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Seus trabalhos acadêmicos exigiam consultas a acervos e, aos poucos, ela acabou se encantando pelo passado da cidade.

Hoje, Pauline dá aulas de história e geografia em uma escola particular de São José. Lá, ela tem toda a liberdade para trabalhar do jeito que gosta: vestida com roupas inspiradas em outros períodos, usando objetos originais de décadas passadas e empregando jogos de tabuleiro clássicos. Os livros didá-

gicos ficam devidamente guardados dentro das mochilas de seus alunos.

## Entre parques e museus

Frutas, doces e xícaras de chá se espalham sobre toalhas de renda estendidas no gramado de um belo parque. Ao redor delas, estão sentadas damas que usam vestidos bufantes e cavalheiros com trajes bem cortados. Eles conversam sobre história, literatura e moda. Esses encontros foram batizados de piqueniques vitorianos e acontecem nas principais cidades do Brasil desde 2009.

Pauline organizou a primeira edição realizada em Florianópolis, em 2010. Porém, a popularização do formato do evento fez com que ela pensasse em inovações para não se limitar a reproduções estereotipadas da Era Vitoriana. Foi assim que nasceu a Sociedade Histórica Desterrense (SHD), grupo que promove atividades educativas ligadas à história e ao patrimônio cultural da cidade no mesmo ano.

A SHD trabalha com o conceito de reconstrução histórica, que é a prática de pesquisar, simular e compreender a vida de outros tempos. No entanto, a etapa da encenação ainda é vista com desconfiança pelo meio

acadêmico, que também teme pela perpetuação de estereótipos sobre o passado. Atualmente, a única entidade que reconhece esforços de grupos como o de Pauline é a Rede Brasileira de História Pública (RBHP).

As atividades da SHD podem ser divididas em dois grupos: à paisana e a caráter. Com as roupas do dia a dia, Pauline promove um grupo de estudos chamado Café com História, em que discute temas de interesse dos participantes com a ajuda de textos. Os trajes de época são retirados dos armários apenas para piqueniques em parques, roteiros pelo Centro de Florianópolis e visitas guiadas a museus.

## Histórias sob trajes

A partir de fontes primárias, Pauline Kisner lidera a pesquisa para a reconstrução histórica. O período que costumam estudar abrange da Revolução Francesa (1789-1799) até o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). De acordo com a historiadora, os últimos dois roteiros exigiram entre três e seis meses de planejamento, investidos em descobrir como os fatos da época influenciaram alguns personagens.

Mas ela conta que não é tarefa fácil. Como a história do cotidiano é rele-

gada a segundo plano, o pesquisador é desafiado a procurar casos esquecidos com o passar do tempo. “Eu consigo dizer qual é a rotina de uma dona de casa na Inglaterra em 1860, mas não no Brasil. E não é que não tenha fonte, ela não é explorada”, lamenta. Já em termos de figurino, é preciso estar disposto a gastar ou aprender a costurar para curtir o *hobby*.

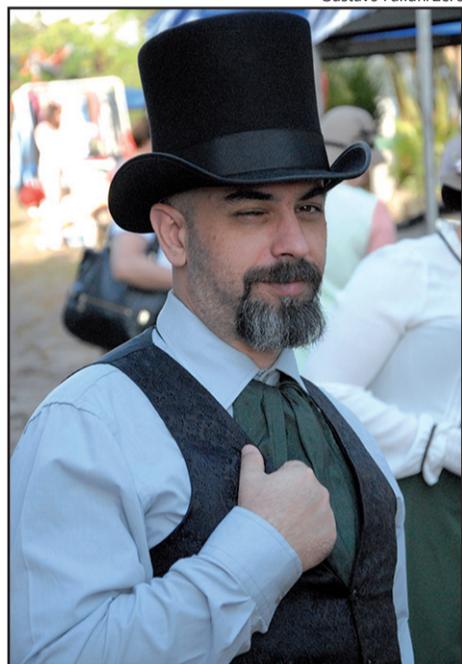
A turismóloga Carolina Felipe, participante da SHD desde o início, está na praça Getúlio Vargas, em frente à Igreja Nossa Senhora das Necessidades, em Santo Antônio de Lisboa. Seu espartilho está frouxo. Pauline, a mais hábil com reparos e ajustes, pede a ela que segure a parte de baixo da saia de passeio enquanto aperta a amarração em suas costas. Carolina sorri – sabe que é sempre Pauline quem socorre nos momentos de aperto.

“Eu não costuro, infelizmente. Muitas de nossas roupas precisam ser costuradas. Às vezes, a gente pega tutorial na internet. A maioria costura, tem habilidade com artes manuais. Eu, como não tenho, peço ajuda para quem consegue”, comenta a turismóloga. Segundo as participantes, para a confecção de um traje novo, a primeira etapa é encontrar um tecido parecido com o da época. Os bre-

chós da rua João Pinto, no Centro Histórico, costumam ter algumas peças que se encaixam no contexto. Em último caso, o grupo apela para panos de cortina.

Como os moldes das roupas são trazidos de fora, a montagem é a parte mais complexa, conta a secretária Laura Pereira. Apesar de saber costurar, ela gastou cerca de R\$ 200 com o traje que veste e garante que este teve baixo custo. Interessada por *cosplay* – a representação de um personagem a caráter –, apaixonou-se pela beleza das vestimentas e quis participar da SHD. “No meu caso, foi o fascínio pelo estético. A roupa chama atenção. Mesmo as mais simples são normalmente muito bonitas”.

Os homens, em compensação, têm uma certa vantagem. Eles adaptam o que já existe para ser transformado no figurino. “Por exemplo, este *cravat* a Pauline achou o molde e fez em casa. A camisa eu posso levantar a gola e vira de época. Só a cartola que deu mais trabalho, precisei encomendar”, demonstra Sandro Zamboni, marido de Pauline e ilustrador oficial da SHD.



Gustavo Falluh/Zero

Sandro exhibe o cravat, usado no pescoço

### “Grande bagunça democrática”

A organização da SHD reúne um grupo fixo de oito membros, que estão em todos os eventos e possuem formações diferentes. O público varia entre 15 e 30 pessoas. Embora lidere o grupo, Pauline garante que não é nenhuma ditadora. “Nós somos uma grande bagunça democrática. Todo mundo fala, grita e briga, mas a gente chega num denominador comum no final”, diz a educadora.

Qualquer membro da equipe pode sugerir encontros e, ao surgir um problema para ser resolvido, o enfrentamento é multidisciplinar. Aline Estacheski, com formação na área médica, tem vivência em teatro e ajuda na parte da decoração. Carolina Felipe, por sua vez, é pós-graduada em marketing, mas se encantou por turismo e contribui com a divulgação. Sandro Zamboni é responsável pela identidade visual.

Quando o assunto é literatura, Romeu Martins é acionado. Autor de contos de ficção científica *steampunk* –

gênero que, em vez de pensar o mundo do futuro, cria alterações tecnológicas no passado –, ficou conhecido pelo grupo como o escritor que ambientava histórias no século 19. Juntaram-se os interesses comuns. De um lado, a paixão pela época como motivador geral; por outro, o objetivo particular do jornalista de compreender o contexto. “Fui dar mais credibilidade para os ambientes que eu descrevia”, explica.

### Uma história de pessoas comuns

Os livros didáticos estão cheios de datas, heróis e fatos que parecem ter pouca relação com o presente. Com as reconstruções, a historiadora Pauline Kisner busca mostrar que a história é feita por pessoas comuns e vive em detalhes do nosso cotidiano. “Existe uma produção acadêmica maravilhosa no Brasil, mas a academia não consegue levar isso ao grande público. O conhecimento gerado dentro da universidade precisa circular”, critica.

Outro grande objetivo da SHD é dar um novo significado ao conjunto do patrimônio histórico-cultural de Florianópolis. “Criamos mecanismos para que as pessoas construam sentidos. Não é só fazer com que elas respeitem uma fachada; precisamos contar as histórias que estão por trás dela e afetam o mundo em que vivemos hoje. Um prédio não deve ser preservado só porque tem mais de 200 anos”, acredita a historiadora.

Contudo, reconstruir um período histórico é mais complexo do que encontrar um tecido semelhante ao utilizado em determinada época. No Brasil, o acesso às fontes originais costuma ser difícil. Além disso, alguns dos principais capítulos da história de nosso país – como a escravidão e a Guerra do Paraguai (1864-1870) – exigem um olhar mais sensível para que sejam tratados em toda a sua complexidade.

Entre os capítulos polêmicos da história da cidade, a SHD ainda não abordou a Revolução Federalista (1893-1895), que foi marcada por fuzilamentos na Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim e serviu como pretexto para a mudança do nome de Nossa Senhora do Desterro para Florianópolis. “Achamos que isso vai dar pano pra manga. Então, não vamos mexer nesse vespeiro por enquanto. Mas está na nossa lista”, conta Pauline.

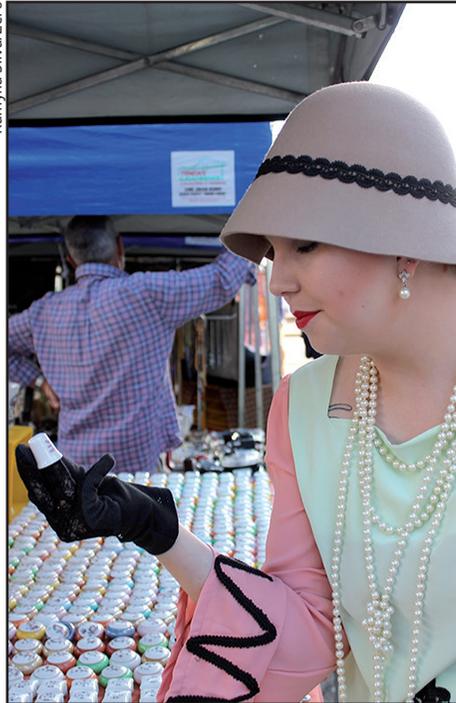
A historiadora também reconhece que a SHD ainda está presa ao modo como as classes mais altas das sociedades de outras épocas se vestiam. Ela atribui o posicionamento do grupo à escassez de referências visuais sobre o vestuário das camadas mais baixas. “Somos criteriosos. Tentamos resolver com pesquisa, mas lidar apenas com descrições textuais para criar uma roupa é muito difícil. Se não temos fontes, não fazemos”, explica. ☺

Gustavo Falluh

gustavofalluh@gmail.com

Kamylla Silva

kamylla.freelancer@gmail.com



Kamylla Silva/Zero



Gustavo Falluh/Zero

Roupas e acessórios usados são cuidadosamente selecionados e produzidos por eles

## Era Vitoriana: marcada por mudanças tecnológicas, na moda e culturais

A chamada Era Vitoriana corresponde ao período entre 20 de junho de 1837 e 22 de janeiro de 1901, quando a rainha Vitória esteve à frente do Império Britânico. O reinado mais longo da história da Grã-Bretanha até aquele momento – ultrapassado por Elizabeth II em 2015 – foi marcado por prosperidade econômica, efervescência cultural e orgulho nacional.

Politicamente, a Era Vitoriana costuma ser lembrada pelo neocolonialismo. Em 1882, a Grã-Bretanha já possuía o maior império da história. No final do reinado de Vitória, seus domínios se estendiam por cerca de um quinto da superfície terrestre e quase um quarto da população mundial devia lealdade a ela.

A Revolução Industrial (1760) impactou a Era Vitoriana de maneira significativa. Os avanços tecnológicos no desenvolvimento de máquinas a vapor aumentaram a produtividade das fábricas. A construção de ferrovias, canais e estradas permitiu que matérias-primas e bens de consumo fossem transportados mais rapidamente.

O período viu muitas mudanças no campo da moda, incluindo transformações nos estilos das roupas, nas tecnologias de fabricação e nos métodos de distribuição. O avanço das técnicas de impressão incentivou a proliferação de revistas e permitiu que as massas participassem das tendências, abrindo caminho para o consumo e a publicidade.

## Pontos históricos do Centro de Florianópolis

**Casa de Câmara e Cadeia:** Construída entre 1771 e 1780, abrigava os presos no piso inferior e a Assembleia Legislativa Provincial no superior. Deve receber o Museu de Florianópolis em 2017.

**Museu Histórico de Santa Catarina:**

Localizado no Palácio Cruz e Sousa, conta com cinco frentes de acervos em exposição: bibliográfico, arquivístico, arqueológico, museológico e arquitetônico.



**Praça XV de Novembro:**

Representa o ponto de expansão inicial da Vila de Nossa Senhora do Desterro. Recebeu a figueira centenária em 1891.



**Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Benedito:** A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos ergueu a segunda igreja mais antiga de Florianópolis para acolher a religiosidade do povo negro.

**Igreja de Nossa Senhora do Bom Parto:** Construída por devotos da confraria da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito entre 1841 e 1861, recebia o mesmo público humilde.

**Teatro Álvaro de Carvalho:**

Pela necessidade de expressão em Desterro,

um grupo de pessoas ligadas à cultura incentivou a criação de um teatro. A inauguração oficial ocorreu em 1875.

**Avenida Hercílio Luz:** Antes da construção da avenida, o Rio da Bulha corria pelo local e reunia lavadeiras. No segundo governo de Hercílio Luz, o curso d'água foi canalizado.



# Mercado do rock inova para as mulheres

Amante do gênero, Luana Beling viu espaço no mercado e abriu loja de artigos femininos

A globalização e a busca por novas tendências na moda promovem, de tempo em tempo, o surgimento de diferentes segmentos para atender a exigência de públicos cada vez mais alternativos. Este cenário é propício para a ação de empreendedores, bastando identificar a existência da demanda e abrir o negócio próprio. A parapsicóloga Luana Beling conseguiu ir além disso: viu a oportunidade de empreender em uma área que ela gosta. Há pouco mais de um mês, abriu a loja *Made in Rock*, especializada em roupas e acessórios que remetem ao estilo que vai além da música.

A lousa na entrada, com uma arte em giz que muda de cores constantemente devido à luz, lembra os neons de pubs como o *Cavern Club*, onde os Beatles começaram sua carreira. Escolhida pessoalmente pela proprietária, a música *Wonderful Tonight*, de Eric Clapton, destaca ainda mais o estilo do local. A luz baixa realça a cor preta, que pinta desde as paredes até a roupa da mulher atrás do balcão. Mas quem enxerga rigidez e falta de sensibilidade através do vestuário se espanta com a simpatia e a timidez da vendedora, que, enquanto tentava fugir da lente da câmera, contou de onde surgiu a ideia de abrir o estabelecimento.

Na busca por fornecedores para uma loja de calçados – seu primeiro empreendimento –, Luana encontrou um profissional especializado em acessórios de rock. Se identificando com o estilo, a parapsicóloga passou a trabalhar com esses produtos no antigo estabelecimento. Quando se deu conta que quase todas as bolsas que vendia eram daquele segmento da moda, percebeu que era hora de mudar.

Luana não é apenas uma empreendedora do ramo, é também consumidora. Orgulhosa, diz que a filha adolescente herdou o mesmo estilo da mãe: “eu gosto do que é diferente, mas bonito. Nunca gostei daquela ideia de andar todo mundo igual. Aqui eu tenho

muitas roupas acessórios bonitos que não são da modinha”. Seu envolvimento com o assunto foi influência importante na definição do público-alvo da loja, que trabalha apenas com produtos femininos. Aquele é o seu mundo. Se atendesse o público masculino, não poderia se dar ao luxo de escolher produtos de acordo com seu gosto pessoal, nem contar com alguns pitacos da filha. A vendedora acredita que teria mais clientes homens do que mulheres caso atentasse para os dois gêneros, mas prefere ter cautela e estudar o mercado que ainda não domina antes de investir mais e expandir os negócios.

O rock, desde seu surgimento em meados da década de 1950, é um grande formador de tendências. Do ponto de vista musical, ele trata apenas da audição, não tem sabor, nem imagem. Em decorrência disso, por necessidade, estas tendências foram se expandindo e ultrapassando o conceito inicial. O sabor de uma música do Ramones, por exemplo, equivale ao de uma cerveja bem amarga e gelada. Já visualmente, as músicas são concebidas pela roupa. O estilo, nas suas variações que parecem infinitas, virou padrão de comportamento, depósito e fonte de conhecimento cultural, e, é claro, um segmento da moda. É como se nascessem extensões correspondentes ao sentido da audição, que juntas constituem personalidades, como as das pessoas que procuram a loja de Luana.

O público, contudo, não fica restrito àquele que consome somente o vestuário rock. “Vem muita gente que não é nem do estilo alternativo. Que busca um ou outro acessório para complementar o visual”. Além disso, produ-



A parapsicóloga, Luana Beling uniu paixão pelo rock à vontade de empreender e ter o próprio negócio

tos que eventualmente podem sair de moda, como o spike (tachinhas) ou o xadrez, são encontrados nesse tipo de lojas com mais facilidade. Muitas pessoas vão até a *Made in Rock* atrás de peças que não estão em abundância no mercado: “independente de estar ou não estar na moda, a ideia da loja é essa. Sempre vai ter aqui”.

As fontes alternativas no mercado não se restringem mais somente a produtos, se estende também a procura por informação sobre o assunto. O jornalista Artur Felipe Figueira, que cobre eventos, acredita que hoje as pessoas preferem dicas de moda da internet, de blogs ou vlogs, do que o conteúdo publicado pela imprensa especializada. “Elas estão interessadas na experiência pessoal de quem dá as dicas”, conta. As fontes alternativas permitem que o público crie uma relação mais próxima com o indivíduo que elas seguem nas redes sociais. Figueira garante, contudo, que as revistas tradicionais não vão sumir do mercado, porque uma parte das pessoas ainda quer um conhecimento mais aprofundado, que não fica restrito a impressões e experiências próprias.

Com o passar dos anos, eram sempre as passarelas que ditavam as tendências. Ana Marta Flores, jornalista especializada no assunto, defende que atualmente o caminho é inverso: a concepção de estilo está nas ruas, nas ideias de pessoas comuns, que influenciam o que vai ou não ser exibido nos grandes desfiles: “o poder de criação dessas pessoas é enorme. Exemplo disso são as customizações de peças que seriam descartadas”.

A procura por produtos em lojas como a *Made in Rock* e por informação em blogs e vlogs, aliada às tendências que surgem nas ruas, reforça o mercado alternativo. Este caráter singular, para Luana, permite ainda mais liberdade para escolher seu estilo. “A moda dita muita coisa, mas você não é obrigado. Meu público aqui é outro, é o que tem o seu estilo. Independente de estar ou não na moda, é disso que eu gosto e ponto”. ☺

Fernando Lisbôa

fernandolisboas@gmail.com

Pedro Cureau

pedrohjcureau@gmail.com



Negócio começou com a venda de bolsas estilizadas para os amantes da moda rock e, com o tempo, se transformou em uma loja especializada neste segmento de mercado